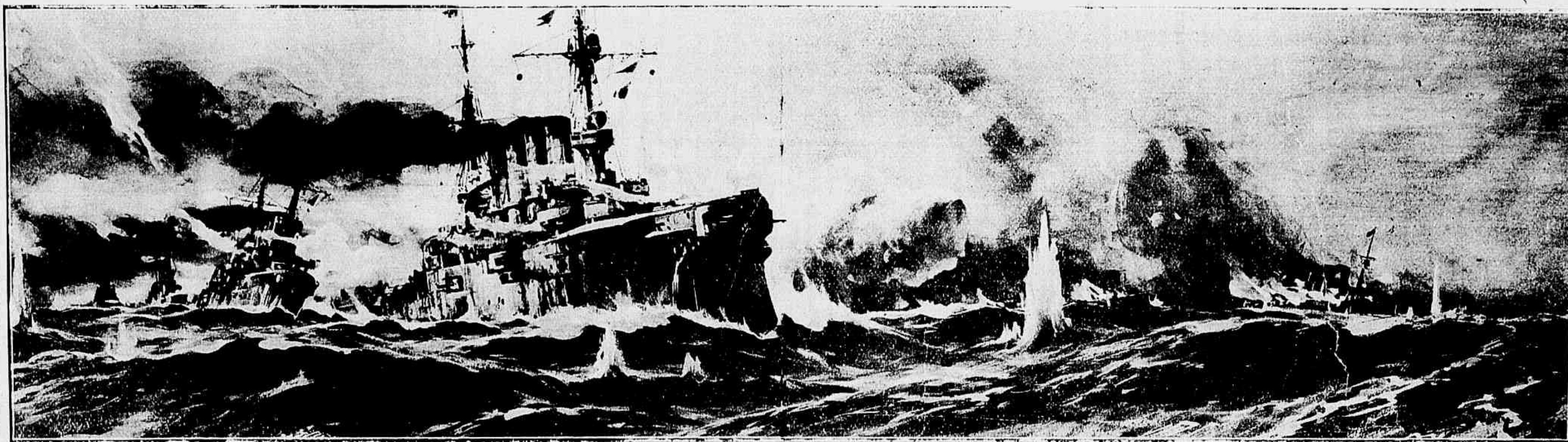
JORNAL DAS MOÇAS

ANNO 2 Nº 26
RIO 1 DE JUNHO
1915

Mlle. Herminia Lopez

Batalha Naval nas Costas do Chile

FOLHETIM 25

JULES MARY

AMO-TE

Segunda parte

Tomou-lhe as mãos e beijou-as carinhosamente. Ella não se oppoz a essa expansão de Turgis, perdida, enlevada nos seus pensamentos tristes.

— Genoveva, porque retardas nossa felicidade? Venho pedir-vos hoje que não hesiteis mais... São os vossos pensamentos ainda turvos como a agua agitada por muito tempo? A agua tornou-se clara... distingui agora o que ha no fundo?

Genoveva, deixou pender a cabeça, melancolicamente.

— Eu-estou tão bem, assim comvosco ao meu lado!

Porque mudar? Não vos sentis feliz vendo-me tambem?...

Tenho medo do divorcio, porque isso faria lembrar e agitar o passado e subir á sua tona todas as recordações que dormitam. Tenho medo da felicidade muito activa, rumorosa, pois me sinto tão bem nesta suave modorra de minha vida...

— Genoveva, olha para mim!

Ella ergueu os olhos para elle, timidamente, baixando-os logo em seguida.

Uma duvida atravessou o espirito de Turgis.

— Tu não és a mesma... Que se teria passado?

— Nada, disse ella, nada, a não serem as occupações e os negocios de todos os dias. Não sois vos o meu confidente e não tendes certeza de que sereis o primeiro a ser advertido de qualquer cousa que possa acontecer?

E o rubor sóbe ao seu rosto, porque ella acaba de mentir.

Ella mentiu! Com que fim? Nem mesmo pensou nisso.

Na extrema delicadeza de seu coração, talvez tivesse considerado como uma falta para com Turgis o facto de ter visto o marido. Dahi o seu rubor.

Turgis fica suspeitando do que se passa no espirito de Genoveva. A intelligencia apurada e sempre suspicaz do magistrado, habituado ás mentiras, tornou-se nelle mais subtil agora com os receios e os temores do namorado.

— Tu me occultas alguma cousa Genoveva não é verdade?

Desta vez, ella tornou-se pallida. Esteve prestes a confessar tudo. Não ousou, porém. Tinha ella o direito de trahir o segredo do outro? Ella ouvia sempre o echo da queixa lamentosa do homem que soffria e se arrependia: — Sêde indulgente!

Seu pae lhe havia dito que Montbriand ia partir. Ella esperava. Eis porque, sorridente, um pouco motejadora, respondeu:

— Asseguro-vos, Turgis, que não vos ucculto cousa alguma...

Elle pareceu contentar-se com essa resposta. Ficou curvado diante della, a seus joelhos tomando-lhe a mão.

— Genoveva, peço-te que marques a data ou a occasião em que deves requerer o teu divorcio, afim de que possamos de terminar o dia de nosso casamento.

— Mais tarde, disse ella. De que serve pensar nisto agora?

— Si hesitas, como vejo, é porque não me votas amor. E si não me amas, para seres consequente, não me deves receber mais aqui. Tua reputação está acima da calumnia e minha vida e meu caracter estão acima de qualquer suspeita. Venho aqui sem receio Entretanto, o mundo tem os olhos voltados para o teu lado, mau grado o isolamento que procuraste. Já se estranha que uma solução prevista, annunciada, não hajam rompido os ultimos laços que te prendem a Montbriand.

— Mas que tenho eu com o mundo? Não consegui tudo arrostar outr'ora?

— Assim foi, não ha duvida. Demostraste effectivamente que não o temias, mas além delle, ha um homem que te ama desde que te conhece. Ha tanto tempo como o que viveste présa a outro homem, nada te dizendo com receio de te offender e, desse modo, ver passar sobre si o teu despreso.

« Mas hoje que já dispões de ti mesma, esse homem acolhido por ti com tanta bondade, vem perguntarte si queres participar de sua vida mais intima, de suas ambições, de suas alegrias e de seus pesares, como elle outr'ora participou de tuas alegrias tão passageiras e de teus tão torturantes desgostos.

« Que pensará esse homem, Genoveva, se descobre que teu coração, depois de tantos desasocegos e inquietações ainda se sente escravisado a alguem?...

« Si elle descobre que ainda te sentes indecisa, mau grado tantas provas crueis de desamor, no caminho a seguir para a felicidade?...

« Si elle descobre que tuas promessas nada mais occultavam que o pavor da solidão, quando te sentias desgraçada?...

« Si elle descobre, finalmente, que o antigo amor não se extinguiu e qne é loucura de sua parte tentar fazer que o esqueças?...

Genoveva, retirando as mãos dentre as delle, disse:

— Turgis, vós me causaes grande pena.

— Mas eu te supplico que me respondas.

— Que receiaes então, meu amigo? Não estaes certo da minha estima? Não estaes habituado a adivinhar os meus pensamentos?.. E quando não os adivinhaes, não sou eu a primeira a relatar-vos tudo que se passa em meu coração?

— Não obstante tudo, eu continuo a duvidar. Oh! perdoa-me, Gonoveva... Antes, nos outros dias, eu não duvidava... Tua alma estava sempre aberta ante meus olhos... Hoje, existe entre nós não sei que mysterio que nos afasta um do outro.

— Que loucura, Turgis, e como vosso amor é suspeitoso?

— Mas é bem facil de fazeres que surja em mim a confiança. Tu sabes bem do que se trata...

— Deixae-me reflectir ainda... dois outros dias.

Elle fez um gesto desesperado. Em sua physionomia notava-se a mais profunda contrariedade.

— Agora, não duvido mais, tu me amas.

Genoveva juntou as mãos numa supplica. Era preciso responder alguma cousa a esse homem Mas apenas pensava em fazel-o, recuava desse intento. Em seu pensamento surgia o outro, esse operario que trabalhava em ponto afastado, do outro lado do bosque de carvalhos, e que não ouçara confessar tudo, mas de quem ella adivinhara o amor.

Empenhou-se em Genoveva uma luta das mais dolorosas. Em seu cerebro mil pensamentos se entrechocavam. E Turgis, perto della, a perseguia com um olhar de suspeita e de reprovação.

Turgis, que adivinhava o que se passava no intimo dessa mulher amada, dizia:

— Lembra-te, Genoveva, da minha affeição e respeito por ti...

E uma voz do passado elevava-se do coração da esposa outr'ora tão soffredora:

— Lembra-te de que tu me amaste... que fui objecto de tuas primeiras ternuras de amor.

Turgis proseguia:

— Lembra-te, Genoveva, de que eu compartilhei de todos os teus desesperos... de cada uma de tuas revoltas. Nenhuma de tuas muitas lagrimas deixou de cahir em meu coração...

A' voz longinqua dizia ainda:

— Lembra-te! Tu serás grande, não porque houveste castigado, mas porque saberás perdoar!

E Turgis continuava:

— Lembra-te do que soffrestes e que a vida te deve uma compensação em gosos e alegrias. E será elle que virá offerecer-te essa compensação, elle por cuja causa quasi morreste?

— Lembra-te de que tu me prometteste teu eterno amor e de que não te deves arrepender nunca.

— Lembra-te de que o teu coração se illudiu a primeira vez, ficando como morto, e de que agora eu o farei resuscitar á força de meu amor.

— Lembra-te de que nada, nada fe desprenderá mais de mim, pois entre nós existe um laço mais forte de que todas as affeições amorosas — o filho!

— Lembra-te de que elle não amava o filho, emquanto eu o adorava, afim de que teu amor por mim augmentasse com o reconhecimento.

— Lembra-te de todo o passado... com suas primeiras e infinitas alegrias.

— Lembra-te do passado com seus temores e com seu sinistro fim.

— Lembra-te de que fui inteiramente esquecido e por isso cruelmente punido.

— Lembra-te de que eu nunca cessei de amarte.

— Lembra-te de que fui infeliz, um desgraçado só porque cessei de amar-te.

— Lembra-te de que serei desgraçado, só porque te amo.

Cessou a luta entre os dois amores, entre o passado e o presente.

Turgis calou-se. Tambem a voz interior nada mais disse. Os dois tinham advogado com paixão e energia a sua causa. Era preciso agora que Genoveva se pronunciasse.

O joven magistrado mordeu a ponta do buço para dissimular as tremuras nervosas que o agitavam. Não ousou encarar mais a senhora de Montbriand.

Sentou-se e afastou os olhos, absorvido em seus pensamentos.

Genoveva approximou-se delle. Elle ouvio o frufrú do seu vestido de seda no tapete. Calculou-a atraz de si, muito perto.

Seu coração batia com violencia e tal é a sua emoção, que elle receia sentir qualquer vertigem ou outro qualquer incommodo alli mesmo.

De manso, cariciosamente, a condessa apoia a mão na fronte de Tnrgis, o que o obriga a curvar a cabeça. Elle ergue os olhos. Ella sorri, bem que se sinta extremamente pallida.

E bruscamente como se ella quizesse evitar a uma resolução tomada depois desta luta que a tinha abatido:

— Amigo, eu quero ser e eu serei vossa mulher.... Podeis dizel-o a todos e contardes com meu pai sobre o divorcio.

Turgis prende a pequena mão de Genoveva e passa-a sobre seus olhos. Genoveva retira-a humida de lagrimas.

Quando Turgis sahiu nesse dia, com o coração transbordando de felicidade, e a alegria nos olhos, encontrou Magdalena sentada a sombra, em um banco do jardim.

Ella sorriu e estendeu-lhe a mão porque o reconhecera logo.

— Sois feliz, adivinho, dissse a ceguinha. Mamãe vos ama, não é verdade?

— Querida Magdalena, disse elle emocionado, sim, ella assim m'o disse.

— Tanto melhor! Tanto melhor! Permitti que uma pobre como eu, que nada sabe da vida, mas que vos ama, sr. Turgis, vos dê um conselho?

— Tenho fé na sua sabedoria, Magdalena. Seguirei o teu conselho.

— Apressai o divorcio da mamãesinha... Um perigo vos ameaça.

— Um perigo? Qual? Que dizes? Que sabes? Falla...

— Nada, mais posso accrescentar porque nada mais sei.

— Tu mentes.

— Não. Eu não minto, adivinho as vezes as cousas de muito longe, porque sempre na noite de minha vida eu sonho... Acreditai sr. Turgis.

— Jura que o que tu me acabas de dizer não só é consequencia de alguma observação pessoal, de algum facto que eu ignore...

— E' um sonho, disse ella, um sonho de minha vida.

E nada mais disse. Baixou a cabeça, deixando Turgis inquieto e impaciente, e quando elle já estava longe murmurou:

— Como eu caminho sobre meu coração.

Nos dias seguintes Turgis notou que Genoveva já não era a mesma.

Febricitante, falando alto, rindo a todo proposito, parecia presa de uma superexcitação nervosa e singular.

Turgis observava-a.

Ella não mudava de resolução. Divorciar-se-ia. E agora, cada vez que se achava só com o joven amoroso, ella não deixava de lhe dizer: «Eu vos amo».

Cousa bizarra, Turgis ficava aturdido com essas mutações de caracter, essas alternativas de indecisões e protestos de affecto.

....

Magdalena tudo informa ao magistrado.

— Mamãe soffre... soffre muito, não o percebestes ainda?

Sim? Que tem ella? sabes talvez, minha menina.

E a céguinha, lentamente seguindo seu sonho eterno:

— Amai-a bem, amai-a muito.

Turgis foi sondar o velho Trinque a respeito e este respondeu lhe:

— Sim, sim, tambem tenho observado. São os nervos, não é outra cousa. Tende paciencia. Isto passará. Este novo enlace, traz-lhe recordações e aprehensões... E' preciso ter um pouco de resignação, tudo voltará aos seus bons termos.

Genoveva tinha remettido ao presidente do Tribunal o requerimento pedindo que fosse convertido em divorcio a separação de corpos já convertido.

O seu advogado tinha sido indicado por Turgis.

As formalidades, como já dissemos são muito simples para estes casos.

Quinze dias ou tres semanas no maximo são sufficientes para que desfaça aquillo que ella mesma fez.

Montbriand tinha conhecimento como todo mundo do divorcio em andamento. E ainda que a noticia não tivesse sido annunciada aos operarios na fabrica, todos sabiam igualmente que o casamento do sr. Turgis com a patrôa seria para breve.

Quando Heitor ouviu falar do divorcio elle estava na officina. Sua emoção foi tão grande que apezar de seu vigor e energia, sentiu-se fraco e abatido. Sahiu precipitadamente. A tarde vinha cahindo. Avisou Rosen de que não voltaria.

— Cuidai da vossa saude, disse-lhe Rosen, eu vos acho desde algum tempo com apparencia doentia.

Heitor divagou pelo campo sem procurar os caminhos e assim encontrou-ss á margem do Deule, junto da ponte onde um dia Genoveva tinha ido se encontrar com elle.

Sentou-se na relva, a cabeça entre as mãos e adormeceu.

Um ruido o despertou bruscamente, elle voltou-se, levantou-se de subito e quiz fugir. Era Genoveva. Ella o tinha visto, a força faltou-lhe e ficou estatelada. Elle tremia, fazia esforços enormes para conter a sua grande emoção.

— Eu vos peço perdão minha senhora... Eu não vos vim procurar e se eu tivesse a certeza de vos encontrar aqui eu não teria vindo.

— Heitor, disse ella, quero que esta semana deixeis a fabrica.

— Sim, já o sei... o divorcio, o casamento.

E' vosso direito... obedecerei. E' portanto verdadeira a noticia? E' verdade tudo quanto se diz?

— E' verdade.

— Então, adeus, adeus!

Elle deu alguns passos cambaleantes. De repente sentiu faltarem-lhe as pernas, procurou com as mãos suster-se em alguma cousa e cahiu. Genoveva deixou escapar um grito de terror e lançou-se sobre elle.

— Que tendes, sentis alguma dôr.

— Nada, nada, disse elle... uma tonteira apenas, parecia que tudo se afundava debaixo de meus pés... Não vos occupeis de mim...

Eu partirei... está tudo acabado.

E partiu, com effeito, sem olhar para traz.

Genoveva fica a meditar com o coração opprimido.

(Continúa).

ANNO II RIO DE JANEIRO, 1.º DE JUNHO DE 1915 NUM. 26

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . 10$000
Semestre . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso 400 réis; nos Estados 500 réis

As importancias das assignaturas podem ser remettidas em carta registrada, vale postal ou ordem para casa commercial desta praça.

As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a F. A. Pereira director e proprietario—Caixa Postal 421.

Os originaes enviados a redacção não serão restituidos.

Redacção e Administração — Rua S. José, 55 — 1.º andar

CHRONICA

O meio dos encantos de que a nossa existencia é tão farta e ás vezes tão prodiga, ha uma verdade, verdade terrivel e perturbadora que sôa aos nossos ouvidos como um dobre funerario: — *Tudo passa para nunca mais voltar.*

Os dias se succedem; tombam no sorvedouro insondavel do tempo, como outr'ora no ventre bojudo — enorme fornalha — do idolo de Baal, cahiam as victimas humanas sacrificadas pelo fanatismo de então...

Isto nos acudiu ao espirito ao vermos que, Maio, o mez querido, desapparece!

Com o seu desapparecimento damos mais um passo para a velhice.

Bem razão tinham os alchimistas na sua lucta insana, mas proveitosa para a sciencia, buscando um elixir que désse ao homem vida eterna e eterna juventude. Sim; a mocidade e a vida são duas cousas apreciaveis e muito queridas.

E cada estação que passa leva comsigo, uma parte de nossas esperanças, um pouco das nossas forças e uma porção das nossas illusões!

A illusão!... Ah! a illusão é a vida. Ella é necessaria como o oxygenio que respiramos, como o sol que procrêa e revigoresce.

Quando ella desapparece do espirito do homem, elle se torna um fallido nas luctas da existencia.

O tempo passa. Não importa.

E' mister que alguma cousa de duradouro permaneça. E, que póde ficar de pé no meio das ruinas do tempo?

São as obras do coração, a pratica da caridade.

Sejamos bons, que os Maios que desapparecem não nos deixarão aprehensões nem dissabores.

A bondade e as boas obras são os dois factores unicos da nossa felicidade na terra.

* * *

E quereis, neste momento em que a miseria, a secca, a fome, como a espada de Attila, devastam o nosso paiz, uma prova dessa bondade reveladora de sentimentos nobilissimos?

Vêde a iniciativa desse grupo de senhoras que se congregam para obtenção de recursos em beneficio dos albergues nocturnos.

Em todos os tempos, nas horas calamitosas, a mulher foi sempre o anjo bom a espargir prodigamente o conforto, a consolação e a esperança.

Ella tem o segredo da força para vencer todas as difficuldades e levar por diante a realisação das obras caridosas.

E' a verdade revelada no proverbio francez: — *Mão feminina, porém de ferro.*

O feitio moral da sociedade é a consequencia do caracter da mulher.

E' ella que eleva o homem ás culminancias da gloria ou da fama, ou o arrasta ás ultimas espiraes do crime.

Faz um Camões, um Dante, um Miguel Angelo, um Gonçalves Dias; ou faz um Arsenio Lupin, um

Senhoritas Leonor Bastos, Stella Moura e Maria Bastos

Senhorita Jenny da Fonseca
distincta professora de piano e nossa constante leitora

Jack, o extirpador — um José do Telhado, um João Brandão...

Esses nossos irmãos infelizes, sem emprego e como corollario disso, sem tecto e sem pão, encontrarão agora um refugio ás intemperies da noite e algum conforto ao seu organismo flagellado pelo látego da desgraça.

E tudo isso por quem proporcionado?

Por essas heroinas do bem e da caridade que não conhecem sacrificios.

Mas o sacrificio em favor do proximo é um sacrificio sagrado!

Gloria, pois, a esse grupo de almas bemfazejas, que como anjos da terra, abrem as suas niveas azas protectoras sobre os que soffrem.

Disse Jeremias Tailor: « Deus deu ao homem uns breves instantes na terra, e desse breve espaço faz depender a eternidade. Devemos pensar que muitos são os inimigos a debellar, muitos os males a prevenir, muitos os perigos a correr, muitas as difficuldades a vencer, muitas as necessidades a acudir e muito o bem a fazer.»

Tal é, parece, a preoccupação sublime dessas illustres patricias.

ROSAES SADI.

Paginas do Coração

II

QUANTA vez, em seus trajos orientaes de domadora, cujas lantejoulas coruscavam ao reverbero forte das gambiarras, não fôra ella phreneticamente applaudida em noites de espectaculo! Toda aquella molle immensa de povo de que o circo se regorgitava, unia-se numa só voz para saudar a artista.

As palmas echoavam como o espoucar de cerrada e continua fuzilaria.

Com um sorriso a borboletear nos labios rubros cheios de seducção e de promessas, ella entrava na jaula.

Um leão de porte agigantado, apanhado nas torridas regiões da Africa, tinha para ella a mansidão dos cordeiros e a obediencia dos cães amigos. Enraivecido que estivesse, ella com um olhar fazia-o rojar-se humilde a seus pés!

Uma noite, porque ella entrasse primeiro na jaula de outras feras, o leão tornara-se feroz. Iriçava-se-lhe a juba e a cauda girava em pavorosos circulos ameaçadores.

Seriam ciumes? Talvez. Os irracionaes tambem sentem, como nós o aguilhão atormentador dessa paixão selvagem, que se apoderando de nosso coração, perturba o equilibrio das nossas faculdades e nos desperta, em instincto de fera, a sêde de sangue.

Os espectadores por uma intuição ou por um presentimento, dispensaram a prova da domadora.

Porém, confiante, a despeito de tudo, ella penetra no interior da jaula.

Os applausos estrugem tempestuosamente.

E quando, num gesto de carinho, abre os braços para que o leão venha, como sóe fazer, pousar a colossal cabeça no seu collo, a fera, num movimento rapido como a luz fugace do relampago, faz em posta o corpo branco da formosa domadora!

* * *

Querida. Tambem como essa domadora eu tenho vivido confiante no teu affecto que se concretisa em carinhos e sobejas provas de fidelidade.

Acredito-te sempre a mesma. Mas, confesso, sinto rugir dentro de mim um ciume feroz.

E, se um dia, elle tiver razão de existir, ah! não sei... Talvez eu me transforme nesse leão do circo!

ROSAES SADI.

Trianon — Voltou á scena do elegante theatro da Avenida Rio Branco, o distincto e muito apreciado actor Christiano de Souza, tomando parte saliente na representação da *A Ciumenta*, espirituosa comedia de Alexandre Bisson e André Lecleq, de um enredo muito bem urdido e que prende a attenção do espectador desde os primeiros lances até o desenlace final.

O *Trianon* actualmente é o ponto preferido pela élite carioca, para passar alguns momentos agradaveis em um ambiente de conforto e bem estar.

As enchentes repetem-se e a platéa é pequena para conter o numeroso e selecto auditorio.

Instruir deleitando

Cebolas do Egypto

UM dia, has de chorar pelas «cebolas do Egypto». Esta phrase nós a empregamos quando queremos assegurar a pessoa a quem nos dirigimos, que ella ainda ha de ter saudades do tempo em que está, ou que passou em nossa companhia, tendo o nosso carinho, o nosso affecto.

E' uma allusão aos Israelitas. Moysés os salvou da tyrannia de Pharaó, do captiveiro do Egypto, dando-lhes uma vida de homens livres.

Pois bem; muitas vezes elles se lamentavam porque não tinham mais as cebolas, que constituiam quasi o seu unico alimento no Egypto.

Vemos, por ahi que o homem não sabe o que quer. O destino colloca-o numa posição invejavel, dá-lhe uma existencia faustosa, e elle tem saudades do tempo em que modestamente vivia!

O'avo Bilac, o nosso poeta-principe, tem uma poesia — Pequenos e Grandes — em que descreve magistralmente esse estado psychico do homem que sóbe acclamado pelas multidões, mas, no fastigio de sua gloria tem saudade dos dias em que vivia como um simples cidadão, pobre e esquecido.

Dinheiro não tem cheiro

Esta expressão significa que o dinheiro é sempre dinheiro, é sempre bemvindo, sempre bem acolhido qualquer que seja a sua procedencia.

Está claro que tem seus conformes; podemos dizer: desde que a sua acquisição, resulte da applicação de um meio honesto, de um meio justo.

A origem dessa expressão é a seguinte:

Quando Vespasiano succedeu a Vitelio, as finanças do Imperio Romano achavam-se em estado lastimavel devido aos esbanjamentos de Nero e seus successores. Era preciso, na phrase prosaica dos nossos tempos — *cavar dinheiro*, fosse como fosse.

Foi quando Vespasiano, já não sabendo mais sobre que lançar impostos, se lembrou de obrigar a pagar um imposto, todo aquelle que quizesse se servir dos mictorios publicos, que dessa data em diante ficaram se chamando — *Vespasianos*.

Tito, seu amigo, um dia, em conversa disse-lhe que os romanos se riam do dinheiro provindo de uma tal fonte.

Vespasiano tomando uma moeda de ouro, levou-a ao nariz de seu amigo, dizendo-lhe:

« Vê, o dinheiro não tem cheiro ».

MLLE. MIMI.

Senhorita Edith. Fonseca
nossa assidua leitora, residente em Varginha

Os nossos instantaneos

Pirataria litteraria De um nosso distincto leitor recebemos uma carta protestando contra o plagio commettido por Yeda Vianna, que copiou e conseguiu publicar nesta revista, como trabalho seu as duas primeiras quadras de um bellissimo soneto de Pereira de Carvalho e que fôra publicado na *A Epoca*, revista ainda hoje mantida pelos alumnos da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro.

E' um acto por demais reprovavel ao qual só de boa fé poderiamos dar o nosso assentimento.

E' bem certo o ditado: « quem o alheio veste na praça o despe. »

Anniversarios

No dia 15 do mez findo fez annos o nosso bom amigo professor Soares Dias, prestimoso collaborador desta revista, cujas paginas abrilhanta desde o seu inicio, com as fulgurações de sua culta intelligencia.

Completou no dia 31, mais um anno o sr. Pedro de Siqneira Queiroz, honrado negociante chefe da Casa das Fazendas Pretas.

No mesmo dia fez annos o joven academico Alfredo Arêas.

A ephemeride de 2 do corrente marca o natalicio da gentil senhorita Hilda de Souza Abalo, distincta professora de piano.

Transcorreu a 14 do proximo passado a data natalicia da exma. sra. d. Manoela Machado de Castro digna auxiliar do Laboratorio da conhecida firma De La Balze & C.

No dia 15 do mez passado festejou o seu anniversario natalicio a gentil senhorita Maria Christina Briggs Lemos, filha do nosso distincto amigo Camillo Raoux Lemos, digno funccionario da Directoria Geral dos Correios.

Houve por esse motivo uma encantadora «soirée» musical e dansante a que concorreu uma selecta assistencia composta de distinctas familias da nossa «élite».

No dia 2 do corrente, muitos e sinceros serão os cumprimentos que das suas amiguinhas e demais pessoas das relações de sua exma. familia receberá a gentil e intelligente mlle. Edelvira Francisca de Freitas por motivo do seu anniversario natalicio.

Na jubilosa data de 16 do mez passado a distincta senhorita Andréa de Carvalho, passou o seu anniversario natalicio, sendo muito felicitada.

Casamentos

Realisou-se no dia 8 de maio o casamento do negociante desta praça, sr. Angelo de Barros Alonso com a senhorita Helena Sarrapio Granha.

Serviram de padrinhos, os srs. Avelino Gomes da Costa e Manoel P. Gomes Junior e sua esposa d. Silvina Gomes da Costa; e senhorita Laudelina Sarrapio Granha.

Acha-se contratado o casamento da gentil mlle. Orminda Guimarães, com o sr. Horacio Henriques Lima, anxiliar do despachante Carlos Maximo, desta praça.

O sr. Luiz Adolpho Bahiana, funccionario da Repartição Geral dos Telegraphos, acaba de contratar casamento com a gentil mlle. Etelvina Ferreira de Miranda.

Nascimentos

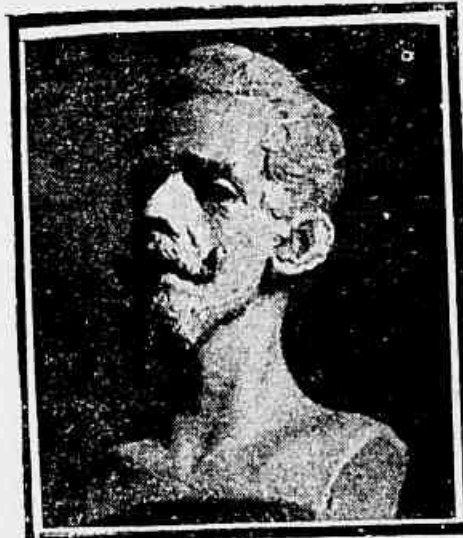
O lar venturoso do nosso amigo Albino Francisco de Oliveira Leite e sua virtuosa esposa D. Ruth de Moura Leite, está enriquecido com o nascimento do seu filhinho Ydayá a quem auguramos um futuro risonho e cheio de felicidades.

O 2º tenente, engenheiro machinista, Paulo Fernandes Machado e sua esposa D. Clotilde Gomes Machado têm o seu venturoso lar alegrado com o nascimento de sua filhinha Yolette a 19 do mez passado.

Os nossos instantaneos

ARTISTAS

Tivemos occasião de visitar em dias da semana passada, o atélier do joven esculptor patricio Modestino Kanto, um dos novos que mais se tem esforçado para o engrandecimento da arte no Brazil.

Dentre os muitos trabalhos que lá vimos, destacamos os seguintes: Desalento (maquette), busto do pintor Henrique Cavallero, um busto do nosso collega M. M. Néry e uma maquette em gesso da herma para o grande poeta fluminense Azevedo Cruz, a qual reproduzimos no *clichê* ao lado. Esse trabalho que é de real valor, tem sido muito apreciado por todos que como nós, logramos ver.

Esse trabalho que é de rigorosa parecencia, vem mais uma vez confirmar os meritos do autor de « Ararigboia », busto que será transferido da Prefeitura de Nictheroy para a praça Martim Affonso.

Admira-nos muito que ainda não esteja collocada em uma praça publica do vizinho Estado, a herma de Azevedo Cruz, uma das glorias fluminenses.

CARTAS DE AMOR

Formosa Helena

PASSEI hontem pela tua porta afim de matar saudades e tristezas. Foi ao entardecer. O sol já findava no seu leito de fogo do poente faiscando os derradeiros lampejos da sua agonia heroica.

Lá estava a janellinha donde outr'ora me mandaste o teu primeiro sorriso — essa joia preciosa que trago avaramente guardada no escrinio da minha visão.

Lá estavam, saudosas como eu, as flores do teu jardim, a espera que teus olhos de saphyra viessem illuminar essa janellinha tão solitaria e sombria.

Tardaste... que minutos longos! A tarde ia cahindo de mansinho, levantando na sua queda, ethereas cinzas de tristezas, mas a minha esperança estava alli aguardando que da tua janella despontasse o dia. Tardaste...

Afinal tu não sabias que a minha saudade andava por alli chorando; mas... devias adivinhar. O egoismo do meu amor quasi se não conformou. Tardaste... já tinha começado a noite quando a tua imagem bella veio trazer-me os aureos brilhos da primeira estrella. Depois outras e outras foram surgindo pelo azul lavado do firmamento, mas nenhuma tinha o fulgor e a suavidade que o teu olhar dardeja.

Tu não me viste; por isto pude admirar-te bem. De nenhuma vez te havia olhado com a mesma circumspecção. Sempre que os meus olhos corriam para os teus um pensamento atroz os fazia recuar: o pensamento de que te aborrecesse a minha impertinencia. Era preciso pois que te surprehendesse assim desavisada e despreoccupada nesse colloquio ingenuo com as flores do teu jardim para que os meus olhos podessem dissecar á vontade todos os deslumbramentos da tua formosura.

Na verdade és um anjo... Julguei-me em frente duma visão mythologica construida de seculos e legendas. Seria accaso a formosa rainha Helena cuja belleza extraordinaria fez brilhar ao sol rubro das batalhas as epopéas grandiosas da guerra de Troya? Ao verte — juro — teria a coragem bellica de lutar, não dez annos, mas durante a minha vida inteira, se eu podesse lobrigar a esperança de que o meu ultimo momento seria o momento supremo da victoria.

Perdôa-me a indiscripção... Mãos cheias de saudades do teu...

PORTUGAL.

Do sr. Celestino Vasques de Freitas. recebemos gentil participação de seu casamento com a senhorita Olga Freitas, aos quaes apresentamos nossas felicitações.

Belleza paraguaya

Senhorita De la Paz Elizeche

NA Arabia as mulheres quando estão de luto pintam os pés e as mãos com anil durante oito dias e não bebem leite durante esse tempo porque a sua brancura contrasta com a melancolia e a tristeza de sua alma.

o

EDGAR PARREIRAS pintou um bellissimo quadro panoramico da cidade de Vassouras. «a princeza das montanhas» e que será collocado no salão nobre da Camara Municipal daquella cidade, actualmente sob a presidencia do illustre dr. Mauricio de Lacerda.

Tendo o eximio e joven pintor, em visita ao seu irmão dr. Athayde Parreiras, promotor publico da comarca, feito alguns *croquis* da bella e encantadora cidade, o presidente da sua Edilidade resolveu, muito acertadamente, fazer a encommenda do quadro a que nos referimos e que foi muito apreciado durante os poucos dias em que esteve em exposição no saguão da Associação dos Empregados no Commercio.

Edgar Parreiras mostrou mais uma vez pertencer a uma familia de artistas de tradições e renome.

Falando ao coração

A quem me compreh.nde

UM anno é decorrido e, no emtanto, ainda te deleitas em murmurar o nome de quem te abandonou...

Porque pulsas assim desordenadamente e exijes que eu vá pedir ao teu amor a caricia de um sorriso e a esmola de um olhar?

E' preciso esqueceres, coração louco, que juraste amar, é necessario olvidares a felicidade do passado, pois que ella não é mais do que uma borboleta que nos acaricia e foge, batendo as azas para longes plagas!...

Portanto, aguardarás em vão a sua volta...

Mas, si é teu prazer o soffrimento, ama apaixonadamente, cada vez mais, este lindo nome que murmuras a todo instante e que te escraviza deliciando ao mesmo tempo...

Sussurra-o bem de leve, de mansinho...

Quero ouvil-o como uma prece á hora do campanario, como o ciciar da brisa nas folhagens, quero ouvil-o, meigo e terno como os ultimos accordes de um violino!...

Mas, quando o presentir indistinctamente, eu sei que vaes morrer...

E morrerás feliz... porque irei supplicar á creaturinha meiga que adoras tanto, a caricia de um sorriso e a esmola de um olhar!...

LUCYLITA.

Curto idyllio

A Ella

EU a vi entre os gelos da Suissa. Sua belleza indigena, seus modos, a doce companhia nos «sports de inverno», a saudade da patria commum... Amei-a!

Seus olhos negros e vivos encheram a minha insomnia, a contemplar os astros d› céo profundo de janeiro e o meu scismar á hora magica dos *alpengluhn*.

Foi delicioso, mas curto o idyllio. O nosso amor, rosa em botão, chrisalida divina — matou-o ella propria, cruel e rancorosamente ao primeiro pretexto para o mais innocente arrufo.

Pobre amor!

Luar.

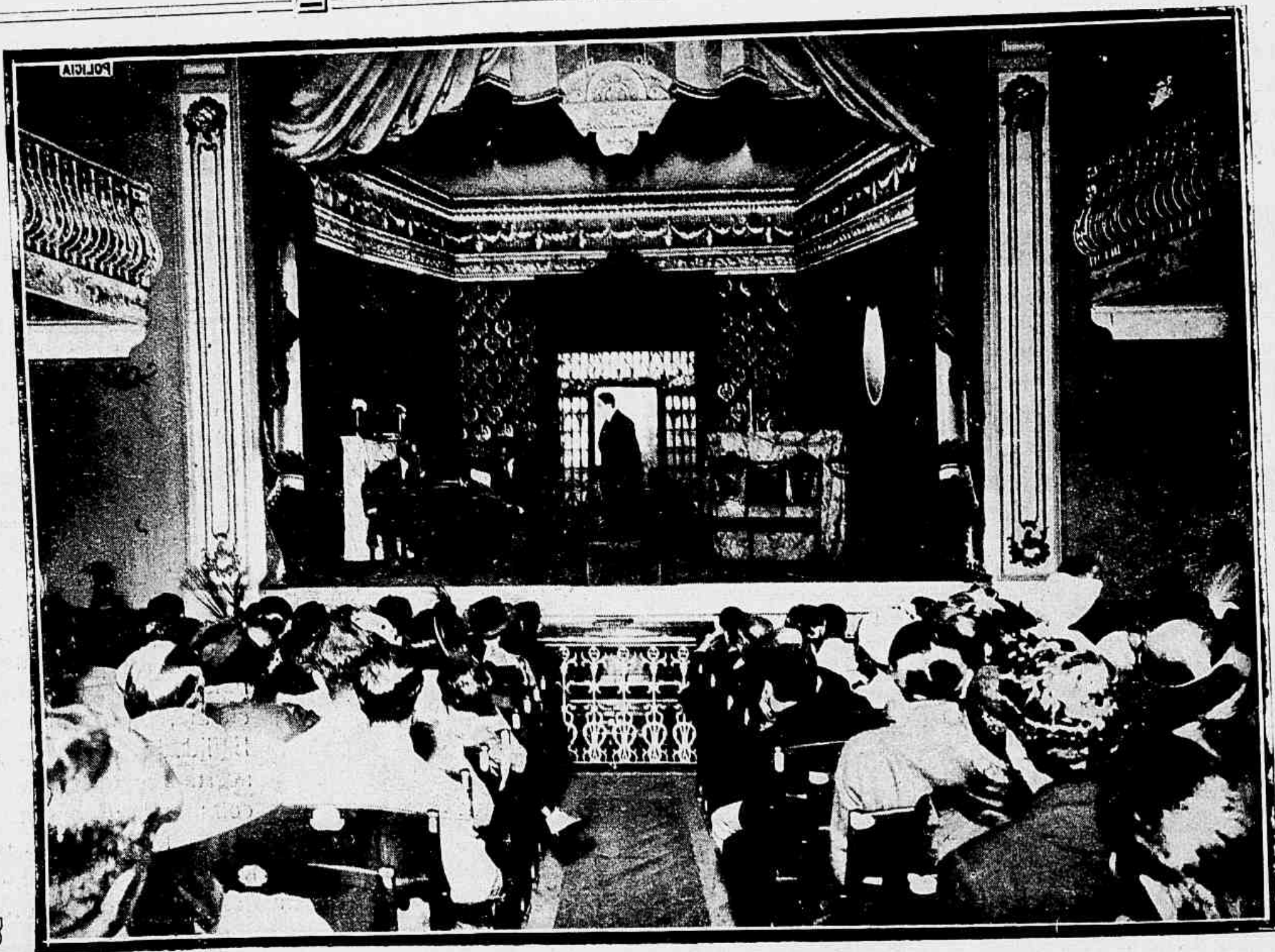
Magoas intimas

A' graciosa Zézé.

O AMOR, esse doce sentimento das almas apaixonadas, despertou juntamente em nossos corações, no mesmo dia. Sinceramente amamos e correspondidas fomos por dois meigos corações, mas, a fatalidade, não quiz que o destino, prolongasse por mais tempo, tanta felicidade e inesperadamente, no mesmo dia, arrebatou, como forte e tempestuosa vaga, para longe de nós, estes dois queridos entes, que nem tempo tiveram, para nos dar, talvez, o ultimo adeus, pois, o dever chamava-os apressadamente!

Juntas começamos a amar; juntas tivemos o desgosto de vel-os separar, portanto, cara amiga, juntas, vamos chorar nossas maguas e formar de nossa amizade um só élo inquebrantavel, que nos unirá até a morte!!

JULIETA GRANADO.

A alma não tem segredos que as acções não revelem.

Uma scena do 3º acto do interessante "vaudeville" *Sub-prefeito du Chateau Bruzard*, no "Trianon"

A MULHER PERANTE A GUERRA

O AMOR conjugal é, com effeito, duma extranha complexidade. Nenhuma mulher ama do mesmo modo; numa são os sentidos que dominam a ternura; noutra, é a intelligencia unicamente que se apossa de todos os sentimentos; na terceira, é a vontade, orgulhosa muitas vezes, que governa e constitue a mulher de calculo; na quarta, emfim, é o coração que de tudo dispõe e que não quer attender nem á agitação dos sentidos, nem á razão, nem ás ordens da vontade, e que vive num total esquecimento do que não é o ser amado.

Se, por desgraça, permanecem na mulher estas caracteristicas do coração, ella torna-se uma creatura perigosa e difficilmente concorre para a felicidade do homem.

Que especie de conflicto se dará no coração duma mulher, entre o amor conjugal e o amor patrio?

Sendo o amor conjugal baseado numa união livremente consentida, elle constitue por certo o mais fragil dos laços, pela mesma razão dessa liberdade; e como não o é menos, pela vontade divina, a mais forte é a mais imperiosa.

Ao crear a mulher, Deus quiz ainda declarar qual a especie deste *laço:* «Dêmos-lhe, disse Elle, referindo-se ao homem, uma companheira, uma auxiliar semelhante a elle.» Portanto estes dois seres feitos para viverem juntos nunca se devem separar.

Abandonar pae e mãe, para se juntar ao esposo, eis o sentido dos preceitos divinos, e estes preceitos, dando uma idéa precisa da força do lado conjugal, fazem-nos comprehender qual o fim que Deus teve em vista perante a humanidade. Esse fim foi o de realisar a fundação da familia, base de toda a sociedade e, por consequencia, base e fundamento da Patria.

Logo, a separação, que corre o risco de romper a união conjugal pela morte, é, em principio, mais cruel, mais contra a natureza que o que pode romper o laço

Enlace do sr. Angelo de Barros Alonso, negociante nesta praça com a senhorita Helena Sarrapio Granha, effectuado a 8 do mez passado

Senhorita Francisquinha Balthazar da Silveira
distincta professora diplomada pela Escola Normal da Bahia, e residente nesta capital

filial. Mas esta separação, porque é a mais cruel, não é menos um sacrificio, exigido por um dever sagrado, desde que se trate de defender a Patria, porque a Patria é o conjuncto, a união das familias duma mesma raça e dum mesmo paiz.

Defender a Patria é defender a familia — base de toda a sociedade. Ora, para que aquella e estas subsistam é necessario que os homens partam, decididos a morrer, para as suas respectivas fronteiras.

Mas isto valerá a pena?

Esta chronica porem não é de molde a apoiar ou condemnar a guerra embora nós contra guerras, sejam ellas de que especie forem, tenhamos protestado e protestemos sempre.

Uma vez a mulher só, no seu lar, não deixando nunca de ser a mulher, terá ainda de ser o *homem*. Comprehende-se o significado aqui do termo homem. Por todos os modos dignos ao seu alcance fará emfim por manter a antiga situação economica da sua casa no melhor equilibrio possivel como até alli o fizera o marido, agora ausente. Essa obra não será só um vulgar esforço, mas uma lucta titanica.

Não o contestamos. Entretanto ella terá de revestir-se duma paciencia heroica e de lembrar-se, para alentar o proprio animo, que lá longe, no campo da honra, como *elles dizem*, o pobre marido se encontra numa situação mil vezes mais desgraçada e mil vezes mais afflictiva, a arriscar a vida ou pelo menos a arruinar a saude!

Depois jamais dave abandonar a esperança de melhores dias, a esperança de que o querido ausente voltará de um momento para o outro e que *tudo* emfim regressará á *normalidade*.

Mas entreguemo-nos á hypothese desoladora de que o ausente nunca mais volta...

Nesse caso, ainda a esperança de melhores dias perdurará nella. Não serão talvez dias do mesmo amor, desse amor ardente e sincero do passado... Mas, chorando copiosa e dignamente o defunto, não deve a viuva manter-se indefinidamente nessa situação.

A humanidade não pertence a si propria — pertence a Deus, á Natureza, ao Mundo. E estes tres factores incommensuravel e infinitamente fortes, reclamam para si a continuidade de existencias.

Mas como para taes existencias, necessarias se tornam as vidas, e essas vidas só podem existir persistindo a humanidade, torna-se pois indispensavel, absolutamente indispensavel que se mantenha constante a cadeia vital da sociedade.

Mas como se mantem essa cadeia vital a não ser unica e exclusivamente pelos laços do amor?

Amor, mais ou menos intenso, bastará para novamente a mulher unir o seu destino á confiança, do amparo dum segundo marido. Acto natural, e da mesma fórma cheio de nobreza e de dignidade, não significará *nunca* uma offensa á memoria de seu marido defunto.

Uma viuva, demais sendo nova e bella, deve sempre tornar a casar-se e com muito mais razão se ficou com filhos e em precarias circumstancias. Deste modo o seu procedimento colloca-a na melhor situação possivel — 1.º serviu Deus que a destinou para a eterna companheira do homem; — 2.º obedeceu ás leis da Natureza que della exige o seu concurso para a propagação da especie — 3.º tapou as boccas do Mundo contra qualquer ataque á sua dignidade de mulher e obteve novamente um companheiro que a ajudará a viver melhor, que a defenderá a ella e aos filhos de novos perigos que a ameacem.

Uma mulher... ha-de ser sempre *mulher*. E pode ella chorar muito o seu defunto marido, póde

Senhorita Celina Lyon, residente em Santos

ella jurar-nos que a elle será eternamente fiel que nós, só com invencivel difficuldade a acreditariamos.

Simples questão de tempo, convençamo-nos disso. Passarão muitos dias, muitos mezes, muitos annos (?) se quizerem... Mas novas energias hão-de impulsionar-lhe o coração. A Natureza — que a espreita, que a persegue, que a agita sem que *ella* mesmo dê por tal, ha-de finalmente um dia apoderar-se de todo o seu ser... até vencel-a!

E só o seu orgulho, só um capricho obstinado (tão vulgar nas mulheres) poderá conserval-a numa apparencia de frieza e de indifferença aos olhos de *alguns*...

Mas... O coraçãosinho duma viuva joven não morre nunca; e pela simples razão de que a Natureza não o quer, não o permitte, não o consente!

Deus, a Natureza e o Mundo podem tolerar uma mulher estéril... nunca uma mulher solteira, viuva ou divorciada (na idade em que o amor *dispõe)* as quaes não têm razão de existir na humanidade.

A não ser, quando o seu physico seja por tal fórma hediondo que nem o homem mais infimamente exigente a possa tragar!

Mas ainda assim o casamento é por tal modo um acto tão *obrigatorio* para a humanidade que se uma vez casados todos nós, só tivessemos ficado solteiros a tal mulher hedionda e o tal homem menos exigente — esses mesmos teriam tambem de concorrer para o *grande sacrificio* — casando.

(Jornal da Mulher — Lisboa).

Da minha Saudade

A José de Freitas Henriques.

CONHECI-TE, Saudade, um dia junto a um caes, donde via confundindo-se com os bojos possantes dos transatlanticos, o «triangulo branco de uma vela», lanchas silvando, numa despedida, num longo Adeus... num tremular de lenços brancos como cabellos argenteos numa cabeça anciã cheia de desillusões...

Depois, te conheci mais de perto, ou por outra, senti-te mais, numa separação de corpos e de Espiritos queridos... fiz-te então minha companheira porque te acho linda e porque dás força e dás vida ás minhas Evocações...

«E hoje soffro e pago ainda o castigo de haver-te achado linda».

Sinto-te agora mais do que nunca, em tudo que me traz recordações... ao ouvir uma nota final num violino, qual uma onda que espraia...

Sinto te «na cadencia orchestral do balanço das ondas», e ouço nesse murmurio orchestral uma linda historia de Amor contada á hora do *Angelus* á beiramar...

Sinto-te num verso cantando a «Saudade dos que morreram», e parece-me ver uma agonia lenta e ouvir o final de uma Oração...

A Ti, *minha* Saudade, todos os dias no silencio do meu quarto, ergo o meu canto dolente que é sempre acompanhado do rumor, que resôa sempre em meus ouvidos, de *um* Mar lá longe...

A *um* «quadro» espiritual, (todo envolto num veu de Saudade) de *um* Mar lá longe, um pôr de Sol envolvido num manto cinza..., umas casas fechadas como que sem vida, uma Lua lá no alto prateando o Mar eu canto o dolente «Miserere da Saudade».

A Ti, *minha* Saudade, todos os dias entôo um psalmo de Evocações, de que é feita toda a minha Alma...

LAURO DE ALMEIDA MOUTINHO.

O MEU AMOR

Ao meu amigo Antonio de Brito

Quando passas por mim tão desdenhosa e fria,
Tão profunda ironia
Em teu olhar eu leio,
Que sinto, já não tens, oh! meiga e casta flôr,
Aquelle indefinido, immenso e puro amor
A palpitar febril no teu virgineo seio!

E, assim, o coração do fundo de meu peito,
Outr'ora satisfeito,
Ainda fiel percorre
Aquella estrada atroz da nossa mocidade.
Percorre-a, e exclama aqui da sua soledade:
— Eu morro de saudade, e o meu amor não morre!...

AIRES.

Rio — 915.

Onde está a felicidade?

SIMPLES palavras encerrando mysterio impenetravel.

Onde encontrar a felicidade? No dinheiro? Mas quantos ricos são mais infelizes que o triste mendigo?

Quantas vezes entre sedas e tapeçarias, no meio de joias e riquezas, as creaturas se abatem e se acabrunham ao peso de acerbos desgostos e de desgraças fataes!

Não é então o dinheiro um factor da felicidade? Sim, mas é indispensavel que esteja cercado de outros attributos. E tristes dos pobres si assim não fosse!

Estará no amor a felicidade? Não ha duvida que a harmonia e a paz concorrem grandemente para tornar venturosa e facil a existencia. Mas si com ellas não concorrem o dinheiro, a saude e tantas outras cousas, de que valerá o amor?

E a virtude? Encerra ella por ventura a felicidade? Oh! sim? Mas seria necessario para isso que ella encontrasse a recompensa devida ás suas acções e aos seus feitos.

Onde habitará então a felicidade, onde a encontraremos, onde o seu começo, o seu fim?

E para tudo isso só ha uma resposta — o trabalho. O trabalho que é o principal, sinão o unico factor da felicidade. Sem elle não ha ventura possivel, pois bem, diz o velho dictado: — a ociosidade é a mãe de todos os vicios.

O trabalho é o rehabilitador do homem. Mitiga-lhe os soffrimentos, encurta-lhe os pezares, fal-o esquecer desgostos e amarguras, embala-lhe as illusões, emprestando-lhes novo vigor, torna-o sadio, forte e vigoroso, dando-lhe idéas nobres e virtuosas, varrendo do seu espirito qualquer pensamento funesto ou prejudicial, tornando lhe alva a consciencia e risonho o semblante que á força do trabalho honesto rejuvenesce e se anima.

O trabalho que sana todos os males, que é o termo de todos os soffrimentos, o consolo para todas as tristezas, nobilitando e engrandecendo a alma.

E' o limite de toda a felicidade na terra. Sem elle os homens, entregues á ociosidade, cahiriam nos abysmos terriveis que os cercam e parecem attrahil-os, formados apenas de vicios e perigos.

E' trabalhando que se consegue atiingir com dignidade os mais altos postos na sociedade e entre os homens.

FRANCA SERRANA.

A galante Oliviasinha filha do sr. João R. Coelho, commerciante em Manáos

Senhorita Olivia Gomes Viegas nossa constante leitora, que festejou o seu anniversario a 18 do mez passado

Um medico dizia a Bébé:

— Tua mamãe vai dar-te uma cousa. Tu queres um mano ou uma mana?

— Eu antes queria um burrinho, diz Bébé chorando.

Teus olhos

A' Zaira.

OLHOS pretos, negros olhos, quanto miticismo, quanta poesia na fulgida luz siderea, a brilhar fascinantemente, de tuas irrequietas pupillas, encerra a sonhadora e grave noite de teus olhos!

Fogo divino de alguma fada, olhos de rainha, quanto mais te olho, menos a tua alma se me adivinha. O' doce luz que se côa atravez das pedras preciosas de teus olhos, ora tenue chama bruxuleiante, onde parecem arder essencias embriagadoras, que esvaecem quem a procura e aspira, ora é uma scentelha de amor que brilha e os effluvios magicos de doçura e meiguice attraem, seduzem, ora passa subitamente num lampejo rapido como o zigue-zaguear de corisco, na amplidão torva do céo; e o olhar, limpido, torna-se vitreo, embaciado e parado: — um presentimento sinistro, qual a tormenta desencadeiada nos mares longinquos, avassala-te a alma candida, mas deste mal secreto, ninguem a origem conhece, porque basta para disfarçal-o um teu sorriso morbido...

DORINHO.

O gracioso Darcy Santos, de 3 annos filhinho do sr. Alfredo Franco dos Santos

Psychologia da Gravata

QUANDO, oh! leitora amavel, fixaes os olhos indagadores sobre um homem e procuraes nas suas palavras e nos seus gestos alguns signaes de seu caracter, e examinaes toda a sua pessoa, pensastes algum dia que aquelle farrapo de seda que elle traz ao pescoço, descendo em seguida sobre o peito da camisa, vos poderá dizer tantas cousas que os vossos olhos e vossos ouvidos não conseguem perceber?

Admirae-vos?

Affirmo-vos que a gravata é um reflexo muito fiel da alma de um homem; muito mais do que as palavras e os gestos, pois estes o homem póde fazer voluntariamente ou, melhor, estudadamente, ao passo que a gravata se ata sem malicia, como se a simplicidade do acto a tornasse incapaz de qualquer engano.

Certamente, o que vos direi não se poderá applicar indistinctamente a todos os homens que vos surgirem pela frente: será uma boa regra, que, como todas as regras, apresentará excepções, se bem que as minhas observações eu as tenho feito sobre a maior parte dos homens jovens, velhos e de qualquer condição social e domestica. Se conseguir interessar-vos, tanto melhor; se vos aborrecer, me desculpareis, porque de enfadonhos deveis estar farta... As mulheres bonitas são o alvo de todos os aborrecidos e eu creio firmemente que sois gentil: de resto, sois mulher e basta.

Faço de vosso sexo um conceito lisongeiro; escutae pois. Comecemos pela gravata «de laço». O laço liso, bem cuidado, sem confusão de pregas, vos revela o homem paciente: terá a constancia de esperar sob uma janella amada horas inteiras.

A laçada feita ás pressas, cheia de rugas, é do homem nervoso, inconstante. Será muitas vezes descortez, é breve, mordaz no falar, infiel, capaz de abandonar uma entrevista, se demorardes apenas um minuto.

O laço amplo, chato, que deixa apparecer uma volta curta, rebelde ás abas do collete, vos mostra o homem vulgar, de cerebro fechado em um circulo de materialismo, incapaz de qualquer sonho grandioso.

Este vos falará de cousas communs, banaes, entrecortando as palavras com exclamações e gracejos

O sr. Aurelino Magalhães, sua digna esposa, e seus presados filhos, residentes em Nictheroy onde são muito estimados

grosseiros; desprezará a moda, a arte e as exterioridades da vida moderna.

Quereis um casquilho... ignorante, sentimental? Procurae-o em quem ata a gravata com um laço liso, mas subtil, insinuante... Este vos falará com a voz gentil, talvez inclinando a cabeça com requebros femininos, louvará vossa belleza, vos falará de bosques sussurrantes, de noites de luar, de occasos sanguinolentos.

O hypocrita? Sempre notei que este traz o laço occulto sob as abas do collete.

O homem leal? Laço lento, largo, que se destaca do collete, as pontas inferiores descendo directamente no collete, sem pregas e sem esforços.

Passemos á gravata *papillon*, hoje muito em voga. Laço pequeno em uma gravata curta e estreita como uma fita: homem avarento e egoista. Largo, aberto, de nó central lento: homem cuidadoso, distincto, zeloso de sua roupa e de... sua mulher.

* * *

E agora as côres. Tambem as côres dão á gravata a sua nota psychologica e sincera. A côr, este maravilhoso phenomeno natural, que se poderia chamar «a bella filha do sol», caracterisa na vida uma infinidade de cousas: um panorama, uma nesga do ceu, um quadro, uma roupa, um rosto... algumas febres. Quantas cousas não tem revelado a côr de um rosto? Quantos sonhos não tem inspirado a côr de uma paizagem campesina e de um quadro em um salão de arte?

Mas advirto-vos... que não falarei de todas as côres. Côres moderadas, de accordo com o fato, usa o elegante serio, culto, triumphador dos salões e das ruas centraes.

Gravata de côr escura, com alguns desenhos claros, é do sonhador philosopho.

Côres vivas usa o pomposo *pseudo-elegante* exaggerado. O ceremonioso usa gravatas de côres diversas em combinações de mau gosto.

O caçador de donzellas ingenuas: gravata azul celeste. O ladrão de mulheres alheias: verdes ou *marron* escuras. O conquistador das creadas: vermelho de tijollo.

Mas vejo, leitora, que me quereis fazer uma pergunta:

— «Desculpe senhor psychologo da gravata, mas... os aborrecidos como usam a gravata»?

— Igual á minha? Não creio.

UGO FERRARI.

Senhorita Nail Araujo
constante leitora do *Jornal das Moças*

Ha occasiões, Mignonne, em que tudo pertuba o socego grave e doce do coração de quem ama sinceramente; quando o pensamento viaja em adejos suaves para repousar no con chego gracioso do ente amado; quando, o coração está nessa meditação sublime, tudo perturba-lhe o evoluir das esperanças fagueiras; o ciciar da brisa ao roçagar ás folhas das arvores, a subtileza dos perfumes das flores, uma lembrança triste, uma lagrima quedando silenciosa de olhos melanchólicos, um suspiro que se evóla, o canto nostalgico dum passarinho, o murmurio constante de um regato eternamente queixoso, longinquo, o morrer soturno e poetico de uma tarde primaveril, quando o sol descamba no poente, deixando no horisonte um lindo arrebol, o tanger monotono da Ave-Maria, tudo emfim, Mignonne, perturba e faz mal ao coração de quem ama!

Eu te amo Mignonne e distante de ti, tudo me perturba e faz mal a alma e me traz recordações, cariciosas de ti!

Rio, 18-2-1915.

LOHENGRIN OARGO.

Quando o ouro e a prata moram num coração, a fé, a esperança e o amor ficam á porta.

A lisonja é como a sombra: ella não nos torna maiores nem menores.

BRUMAS

A quem comprehender.

AVES fantasticas, aves de cinsa, sem canticos, sem ninhos, sem bater d'asas farfalhantes, frias e desoladas, a correrem por um paiz azul espalhando nostalgias e tédio... Lembram aspirações vagas, irrealisaveis, sonhos que se não sonharam bem, gestos de mãos engelhadas, chamando de longe as chimeras perdidas.

A morte formou-as do seu halito nevado e lançou-as para o mundo a enturval-o e a affligil-o. E vão e seguem unidas, silenciosas, asas mortaes sobre o azul dos montes e o verde do mar, atrophiando a luz, semeando lagrimas no ar, aves de cinsa, aves de morte, aves de maldição!

Sobre as cousas todas cahe, o peso das suas asas inertes; as grandes montanhas não se detêm; o sol não as destroe, e ellas vão, azul em fora, caravando fantastica e monstruosa, conduzindo as nostalgias e o tédio. O seu bando é triste como um cortejo de mortos e desfila pesadamente, silenciosamente, num rolar de prantos nebulados que vem de olhos negros de dôr, de olhos anoitecidos na clara manhã do primeiro beijo, do primeiro amor, da primeira alegria. Imagens dos corações que já morreram e não tem um caixão, nem uma cova e erram pela vida aos atropellos da multidão, batida pelos olhares crueis dos que são felizes e não choram e não sabem apiedar-se...

Imagens dos risos que murcharam e rolaram da jura de um coral duma bocca de mulher que amou e foi trahida e abandonada.

Imagens de olhares saudosos das mães que perderam os filhos e o marido e ficaram a envelhecer sósinhas sem terem aos seus lados a velhice amiga do esposo, nem a mocidade carinhosa dos filhos.

Imagens dos nossos dias, das nossas horas torturantes d'Artistas, de Sonhadores a quem o destino traçou uma estrada azul e infinita por onde os nossos pés marcham ensanguentados, feridos, nas estrellas!...

Brumas! aves de cinsa, aves malditas! voae!... voae!...

Para além fulgem estrellas na fuligem da noite. Ide apagal-as, ide enregelal-as.

Brumas frias, Brumas maguadas sois tristesas de outros que andam a chorar?...

Ide, brumas; aves sem canticos e sem ninho; levae aos astros felizes as lagrimas dos sóes doloridos!...

GUMERCINDO ROMA.

S. Paulo, 14-2-915.

ÇOPACABANA — Grupo de meninas e meninos pertencentes as familias d. Josephina Pinto e sr. Benedicto dos Santos

A mimosa Elza Pinto

SONETO

A proposito do suicidio do poeta Baptista Cepellos.

Companheiros da morte, o nosso rumo vario
Seguimos, sem saber onde de certo finda.
Quantos descrendo vão do torvo itinerario!
Emquanto aquelle tomba, este prosegue ainda.

O caminho parece um infinito ossario.
Quantos ficado têm por essa estrada infinda!
Deste, como é tão longo o seu cruel fadario!
Daquelle, a vida em flor como é ditosa e linda!

D'entre os que, já sem fé, se perderam de vista,
Sósinhos, atravez das sébes dessa estrada,
Esquecendo p'ra sempre os louros da conquista,

Surges agora tu, preso ao ideal risonho
Que te levou á morte, em plena madrugada,
Ante o fulgente *Olhar* do derradeiro sonho.

RICARDO BARBOSA.

Nota — No bolso do infortunado poeta foi encontrada sua ultima producção poetica, um soneto com este titulo — *Olhar*.

Pratico e sentimental

— Então o rompimento foi definitivo? Devolveste-lhe o annel?

— Não, seria um disparate; acabou-se tudo entre nós, mas conservo o annel, que elle me deu, como uma grata recordação.

IDYLLIO

Para Luiz Sodré

NUM canto de jardim, escondidos entre as ramagens de roseiras todas em flôr, sob um lindo carramanchão rustico, tecido de trepadeiras floridas, dois noivos conversavam.... As palavras meigas, ditas a meia voz, alli, no meio das flores, ao declinar merencoreo duma tarde de estio, mais parecem arrulhos de rôlinhas numa canção amorosa...

Os noivos são sempre felizes...

— «Quando nos cazarmos, diz ella entre sorrisos e anhelos, quando nos cazarmos...»

Então, elle procura advinhar no seu semblante o grande desejo que lhe mora n'alma, passeia em sua physionomia os grandes olhos que prescrutam, que perguntam e falam... Os dois olhares se cruzam, se encontram e conversam... A linguagem dos olhos, quanta felicidade elles dizem...

— «Quando nos cazarmos, teremos um castello todo enfeitado de rosas, num recanto, lá, bem longe da cidade, rodeado de flores e de arvores, arvores onde cantem passarinhos, flores onde pousem borboletas... Assim, como aquelle que vês, lá, bem ao longe, lá na dubiedade daquelle horizonte; tão lindo como imaginaes, assim, será nosso castello...

E os noivos sorriem no fluir do sonho...

Os passaros esvoaçando pelo arvoredo do jardim preludiam uma canção, ao longe, na quebrada dum outeiro, os sinos duma capellinha tangem o som tristissimo de gemido que se espalha, cavando o silencio, e, sobre a dormencia final do echo, outro gemido plangente que repercute a hora triste duma tarde...

— «Quando nos cazarmos, lá, naquella capellinha toda caiada de branco, toda enfeitada de rosas, quando nos ajoelharmos nos degraus da ara sacrosanta, os dois bem juntinhos, as mãos entrelaçadas sob a estola santa do sacerdote...»

E, de olhos abertos ao clarão das côres, immobilisam-se, mudos, dominados, percebendo apenas a estensão indefinida dum horizonte de ouro, uma torre alvejando lá longe... e as suas almas, vivendo nessa luz, pairando nessa purpura de sol poente, procuram na embriaguez da Phantasia as delicias do sonho...

Então, ella acorda da nostalgia da illusão e seus labios tremem pronunciando uma palavra.

— Depois...

— Ah! depois...

A sombra do crepusculo avança lentamente, dando, aos objectos fórmas obscuras, contornos falhos, e, os dois noivos, na volupia dum desejo, fitam-se mutuamente... os labios mudos, nervosos, entreabertos parecem querer dizer qualquer cousa que se traduz num meigo sorriso de felicidade...

ALVARO SODRÉ.

Somos senhores das palavras que ainda não pronunciamos, mas somos escravos daquellas que já foram ditas.

SERRANO

Aos amigos Rivas e Antonico.

Seis horas da manhã. E' mesmo a hora
Do trem passar em frente do terraço,
Com aquelle alegre retinir de aço
Soltando gritos pela estrada a fóra,

Ergo os olhos ao céo e o céo se córa.
Flocos de nuvens boiam pelo espaço,
E da floresta, no humido regaço,
Treme o orvalho que aos poucos se evapora.

Acordou Therezopolis. A matta,
Lava o rosto no aljofar da cascata,
E abraça o trem que parte p'r' a cidade.

Uma prece de amor sobe da terra
Ao brando sol que surge atraz da serra
Mandando ao mundo a doce claridade.

LAFAYETTE MENDONÇA.

Therezopolis — 1915,

SAUDADE

(A' memoria de minha madrinha).

Da tristeza no ergastulo adverso
Sentindo a dor vibrar-me posta em riste
Transpuz as portas duma igreja. Triste,
Entrei e olhei: principiava a missa. Terso,

Doces preces resando em cada verso,
Julgou meu coração te vêr. Insiste
Em ver-te, e vê, que em doce illusão myste
Deixaste-o de doçuras pleno immerso.

E nisto, prolongado toque soava;
De ti desviei os olhos meus e via
Que padre vetusto a hostia consagrava,

Finda a missa fugiste tão ligeira!...
— Oh! quanto é bom rezar! Eu passaria
Se pudesse, resando a vida inteira.

EZEQUIEL.

Rio.

O TEU RETRATO

Quando esquecidas horas permaneço
A contemplar, Querida, o teu retrato,
Crê, ainda mais meu coração maltrato
Não tendo o allivio, ao menos, que careço!

E' que a saudade (e eu de ti não me esqueço!)
— Dura saudade que a ninguem relato —
Mais me atormenta diante o teu retrato,
E só eu sei — só eu sei! — o que padeço.

Que importa vêr-te, se tu me não vês,
E nem sequer eu sei se no momento,
Paira o meu nome no teu pensamento?

Mas, eu contemplo-o, fito-o, tanta vez,
Com tanto affecto e de ternura cheio,
Que, ebrio de amor, o vejo arfar o seio!

ROSAES SADI.

SOLSTICIO

Hoje os lyrios brancos debruçavam
Nos resequidos charcos da floresta;
Murchava pelos campos a gresta,
As rosas nos canteiros desfolhavam.

O beija-flor, que as flores adoravam,
Partiu p'ra sempre, terminando a festa;
E na dor dessa ausencia manifesta
Os narcisos nas hastes soluçavam.

Hontem a natureza toda em galas
Nas brancas flores que desabrochavam
Se orgulhava do magico esplendor.

Hoje restam saudades das escalas
De perfumes suaves que exhalavam
Os roseiraes e os laranjaes em flor...

AMELIA NAPOLI.

VENDO-TE

Vejo-te e sinto n'alma agitações estranhas,
Pulsa-me o coração de amor com força tanta
Que revivo em meu sonho, envolvido em tamanhas
Luzes, como os pharóes do céo que nos encanta.

Vejo-te e sinto n'alma o fervôr das entranhas
Do Inferno e sinto ainda, a firmeza de quanta
Dôr existe, a gerar mil horrores e sanhas
Da grande raiva má que sempre me supplanta.

Parece que uma orchestra indefinida escuto,
Quando de tua voz sonóra, uma ternura
Vibra, num bello tom unisono e impolluto.

Abre-se no horizonte, a porta aurilavrada
Da minha aspiração, immensamente pura,
Onde passa afinal minh'alma torturada!

VIOLETA-ODETTE.

(Das *Petalas cahidas*).

O MEU PASSADO

Para Sylvio Marinho.

Absorta em scismas, e na anciedade
De rever o passado em pensamento,
Sinto em minh'alma uns longes de saudades,
E não posso occultar o meu tormento.

Como um cortejo, — cá no pensamento,
Vejo passar co'a minha mocidade:
— Esperanças, prazer, felicidade!...
Recordar, só me serve de tormento!

Esperança, — oh! dilecta companheira!
Recebe em tua hora derradeira
Os carmes de minh'alma tão sentida!

E sobre tua campa, mui saudosa,
Deponho como messe dolorosa
Muitas gottas de lagrima dorida!

CAMELIA BRANCA.

Escalvado — Minas.

Enlace Celestino Vasques e Olga Martins

Senhorita Olga Martins da Costa e o sr. Celestino Vasques de Freitas

Embalde.

Volta a primavera e com a primavera voltam as aves e as flores. Aves que se foram em busca de outros climas, flores que se foram em busca de outros prados, numa alacridade sadia de crianças ingenuas, voltam, voltam cantando, voltam abrindo as corollas ao pollen fecundante.

E com a primavera e com as flores, voltam tambem a luz, a luz quente, a luz confortavel, a luz gargalhante e alvadia das horas de sol a pino. E a luz volta, volta, volta colorindo as florestas interminas de um colorido suave de estrella, volta se espraiando voluptuosa sobre a superficie espelhenta das aguas, volta mordendo a terra sanguinosa dos grandes córtes a pique.

E com a primavera e com as flores e com a luz volta a vida, a vida que gorgeia nas veias, a vida que inteiriça o organismo que nos dá força, que nos dá musculos, que nos dá alegria.

Ah! e volta a primavera e voltam as flores e voltam as aves e volta a luz e volta a vida, e só não volta o meu amor, o meu grande amor por tudo quanto é bello, por tudo quanto é forte, por tudo quanto é extraordinario. Embalde o espero e chamo, embalde; porque ha muito fez se em mim o vacuo escuro dos eternos desilludidos.

ARTHUR MIRANDA.

POR ter chegado ás nossos mãos excessivamente tarde, deixa de sahir neste numero um estudo do dr. Adelino Magalhães sobre a individualidade artistica das insignes pianistas irmãs Figueiredo e Celina Roxo.

Daremos publicidade a esse trabalho no proximo numero.

Os dentes e a saude

A DURABILIDADE da vida humana está na razão directa da perfeição com que se executam as differentes funcções physiologicas do organismo. Dessas funcções, a que mais exige absoluta regularidade é a da digestão da qual póde dizer-se dependem as funcções dos outros orgãos.

Uma digestão mal feita reflecte immediatamente sobre o systema nervoso, occasionando perturbações da circulação, e esse cortejo de soffrimentos tão conhecidos já, e cuja therapeutica, visando apenas os effeitos, quasi sempre se tem mostrado impotente para combatel-a.

A perfeita digestão dos alimentos quer no estomago ou nos intestinos não póde effectivar-se si a mastigação não se fizer efficientemente; para isso é preciso que os alimentos soffram na sua inteireza a acção triturante dos dentes, só devendo ser deglutidos quando a massa alimentar apresentar uma consistencia homogenea, que a lingua facilmente experimenta.

O grande physiologista Bérard diz: «Certas partes vegetaes apresentam grande resistencia á acção dos fermentos digestivos do estomago e dos intestinos. Ora si estas partes servem de envolucro aos principios nutritivos, preciso é que ellas sejam rompidas, para que possam ser digeridas. Si os grãos de lentilhas, ervilha, feijão ou mesmo de arroz, não soffrem embora ligeira trituração de modo a romper-se a cellulose que os envolve e que é inatacavel pelos succos gastricos, atravessarão intactos todo o tubo digestivo, tornando-se a fecula e os principios azotados que contém, de effeito, sinão máo, pelo menos nullo para a nutrição.»

Este acto preparatorio é de tal importancia, diz Oudet, que não poderá exercer-se incompletamente sem que desordens mais ou menos graves sobrevenham ás funcções digestivas. Si no estado de saude esta influencia se faz sentir, o que de máo se poderá verificar quando o estomago e os intestinos forem séde de qualquer alteração?

As substancias alimentares, attingindo estes orgãos sem haverem soffrido na bocca digestão preparatoria, provocam nelle um accrescimo de elaboração que é sempre a causa das graves perturbações que se manifestam em todo o organismo. Não me cançarei pois de appellar para a attenção dos medicos sobre a necessidade de ter em grande consideração o modo porque as pessoas attingidas de affecções das vias digestivas fazem a mastigação.»

Não nos seria difficil, sinão ocioso, citar muitas observações de doenças do estomago e dos intestinos rebeldes aos cuidados medicos, desapparecerem ou melhorarem sensivelmente, desde que o tratamento dos dentes permitta uma efficiente mastigação.

Jesus Christo

FILHO de pae invisivel e de mãe visivel, Jesus, na sua pessoa, reconcilia a humanidade com o Eterno. Seu berço foi um estabulo; sua occupação o trabalho.

A seus pés foram o rei e o pastor, como para certificarem que tinham para sempre acabado as barbaras castas.

Os tyrannos perseguem-o, querem asphixial-o nos braços, pre-adivinhando que a sua palavra será o raio que os sepulte nos abysmos da infame tyrannia.

Os falsos sacerdotes são objectos das suas comminações que encerrarão a Deus no sepulchro do seu coração que ensina que a alma pura é o mais digno tabernaculo do Eterno.

Os pobres, os desvalidos são seus irmãos.

Seu coração tem balsamo para todos os que padecem, esperanças para todos os que choram.

Não vai ás academias procurar sabios; vai ás margens do mar procurar pobres pescadores.

Entrega o mundo, apenas domado pelas armas romanas, a debeis e obscuros apostolos, para que o transformem com a sua palavra e sua fé.

Submette-se á dôr, e para mostrar a igualdade de todos os homens, padece como o infimo dos mortaes.

Chega a sua hora, sobe ao patibulo e morre na cruz para derramar a vida entre os homens.

Esta cruz divina representa a renovação da vida inteira da humanidade.

Para a familia é o momento que acaba a tyrannia do pai, em que recobra a sua dignidade perdida a mulher, para converter-se em sacerdotisa do lar domestico; em que cede o seu logar a familia antiga, filha da lei, á nova familia, filha do espirito, consagrada pelo amor que funde num só todos os corações.

EMILIO CASTELLAR.

A formosa Alayde Alves

Senhorita Geny Souza
nossa constante leitora, residente em
Sete Lagoas — Minas

Se a Fé é a luz que nossa vida guia,
A Esperança é uma vida aos desgraçados,
E a Caridade é o amor aos desherdados,
Transformado na esmola que allivia.

A vida que mais dóe, que mais maltrata,
Aquella que mais fere ao coração,
E' a vida negra, a vida escura, ingrata,
Da noite immensa da Desillusão.

Na vasta communhão da humanidade,
Se ha de puro alguma cousa é só o Amor.
E o que nos lembra o céo e a divindade,
A MULHER — ventura nossa e nossa dôr,..

Bruno Briarêo.

Sonhando

A' alguem

EM uma destas ultimas noites enluaradas eu me deliciava na contemplação do firmamento repleto de estrellas que pareciam diamantes esparsos...

Ao fital-as senti uma tristeza infinda apoderar-se detodo o meu ser...

Recordações, ora inebriantes, ora crueis, tumultuavam em meu cerebro, até que, por fim, fatigada de soffrer e de devanear fitei o azul ainda uma vez e adormeci...

Adormeci e sonhei que tu voltaste...

Este sonho foi, por instantes, toda a minha vida, toda a minha felicidade...

Havia nelle qualquer cousa de vivificante que me vinha alliviar as magoas...

Era a tua mãosinha alva e pequenina que me acariciava...

E como deve ser doce morrer, não sonhando assim, mas exhalar o ultimo suspiro, sentindo-me, na realidade, acariciada pela tua mãosinha alva e pequenina...

LUCYLITA.

A graciosa Alice Alves
cujo anniversario festejou a 12 do mez ultiom

Despedida amorosa — Desenho da nossa amavel leitora Vera G. Pereira

O padrinho do Dudú. O nosso collaborador, o poeta Renato Lacerda e o sr. J. Demoraes, redactor do *O Momento* que se publica na visinha cidade de Nictheroy, escreveram uma revista intitulada "O padrinho do Dudú" que será levada á scena no Polyterpsia casa, de divesões daquella cidade.

Essa revista, que é quasi toda escripta em verso, é dedicada ás familias de Nictheroy; razão pela qual a immoralidade tão commum nessas *revistas* que por ahi se exhibem, foi, de todo abandonada pelos jovens escriptores.

THEATROS

Vae tendo uma phase de sério levantamento o nosso pobre theatro nacional, sendo bem animadoras as esperanças que temos em vel-o em franca prosperidade depois de tão longa e desoladora declinação.

Assim, é que a primeira chronica theatral desta revista é tracejada com o mais intenso jubilo por quem durante muito tempo só tivera palavras de indignação ante a lastimavel situação da arte dramatica brazileira. Com a feliz iniciativa do Dr. Christiano de Souza que tem sido coroada de constantes successos e bem assim do exemplo que lhe tomou o Dr. Leopoldo Fróes, formando companhias dramaticas, cujos melhores elementos do palco alli figuram, vemos, o prenuncio de um breve resurgimento do nosso decantado theatro.

* * *

TRIANON — Esse theatrinho tem sido frequentado pelo que ha de mais selecto na nossa sociedade enchendo-o a cunha todas as noites e applaudindo expontanea e freneticamente o punhado de artistas que sob a direcção correcta e intelligente do Dr. Christiano de Souza, tem sido alvo dos maiores elogios no desempenho dado aos papeis que lhe são confiados. Na quinzena finda tivemos nada menos de 3 *premières: Mme. Chá* e *Pôdre de chic,* a *Ciumenta,* na qual reappareceu Christiano fazendo o papel do velho Brunais e agora o *Sub-prefeito de Chateau Brizard.*

* * *

PATHÉ' — Depois das *Mulheres Nervosas,* tivemos nesse theatro a conhecida comedia do saudoso comediographo brazileiro Arthur Azevedo — *O dote.*

Do valor do trabalho nada diremos, sendo inuteis mais outras referencias ..

Quanto ao desempenho dado pela companhia do Dr. Fróes, foi digno de incondicionaes applausos. Lucilia Peres, a nossa primeira actriz brazileira, no papel de Henriqueta que desempenhou, cremos nós, como o desejava o pranteado autor.

O papel de Angelo confiado a Eduardo Pereira foi bem defendido. Gabriella Montani que se encarregou da sensata velhota e boa mamã da comedia, pareceu-nos cançada, comtudo revelou-nos ainda a actriz intelligente de sempre. O Dr. Ludgero (commendador Mattos) foi... como diremos... admiravel, o velho e talentoso artista sempre sobrio e correcto, deu um desempenho impeccavel ao seu papel.

Faltam-nos ainda Leopoldo Fróes, o previdente Dr. Rodrigo; Eduardo Leite (Lisbôa), o agiota chic e Manoel Pinto, o pai João. Este ultimo a quem lhe confiaram tão difficil papel, que é o personagem querido e sympathico da comedia... era bem o pai João, tão velhinho... tão velhinho. Eduardo Leite que é uma figura insinuante, dotado de uma bella dicção, muito agradou, e por fim, Lepoldo Fróes, o eximio director que nos deu um Dr. Rodrigo, merecedor de bastante encomios.

DIXIT.

Bebe e come com o teu amigo, mas não trates com elle de questões de interesse.

BILHETES POSTAES

Para Mario Marinho.

A constancia tem limites... O homem que é constante a ponto de perdoar todas as injustiças de sua amada, merece censura...

Gêgêta.

Ponte Nova—Minas.

———

Para Maricolinha Drumond.

Amar e presentir que o seu affecto é correspondido, e jámais poder dizer á creatura amada: — eu te amo! — eis a definição da desventura!

Risoleta.

Ponte Nova.

———

A quem eu sei.

Assim como no jardim perfumado, as florsinhas não resistem aos rigores do sol ardente, assim tambem o meu coração soffre e minh'alma chora quando approxima-se o momento cruel da nossa despedida.

Zizella.

Cattete.

———

A M. F. Araujo.

Não imaginas como me sinto feliz quando estou perto de ti, gosando as delicias do teu carinho.

Oh! como é sublime amar e ser correspondida pela pessoa que votamos este grande affecto—Amor.

Quando estou longe de ti, o meu coração torna-se triste.

A. M. P.

4-3-915.

———

A' Sympathia

A uma virgem da terra.

A sympathia é uma olorejante flôr, que desabrocha espontaneamente no imo de noss'alma, assim como fenece despetalada pelo favonio ceifador de um infundado desprezo, no amago do nosso coração.

Augusto F. de Mattos.

Encantado.

———

A um ingrato.

A ingratidão é um punhal que fere o coração amante.

A. I. A.

———

Datas felizes.

4-18-19 21-22 de Janeiro de 1915.

Depressa as esqueceste, mas, eu jámais as esquecerei; viverei na recordação eterna do passado porque me alimenta o espirito, muito embora, com a tua ingratidão, eu sinta a alma extorquida e o physico abatido.

Esquecer-te? Tambem não! Nunca esquecemos o ente que mais amámos na vida.

Perpetua.

———

Ao dr. L.

A ausencia, é a limpida agua apanhada pelo coração que ama, para examinar se é verdadeiro o diamante da corôa que orna a fronte do ente querido.

———

Oh! saudade, tu és triste como os sons de uma flauta numa noite de luar pallido e melancolico!

Anilosy.

———

Ao ingrato***.

O meu amor é como uma flôr que murcha pouco a pouco, queimada pelas lagrimas que o teu desprezo me faz derramar.

Anne Maire.

———

A ti ***.

A duvida é como uma serpente venenosa que se enrosca no meu coração para delle tirar toda a ventura do amor!

Anne Maire.

———

Para o leque do minha adorada Lucilia.

O amor sincero é um balsamo impellido para os periodos de um coração apaixonado.

Azul.

———

A alguem...

Não ha tortura maior para um coração leal e sincero, do que a separação do ente a quem elle dedicamos puro e sincero amor. E' esse ente que nos dá conforto, alegria e coragem para atravessarmos estas montanhas crivadas de espinhos, que formam o caminho de nossa vida...

Alfeo Piana.

Bello Horizonte.

———

Para Severiano Sarmento.

Muitas vezes uma recusa ou como o vulgo diz: uma «taboa», — é uma verdadeira taboa de salvação.

Risoleta.

Ponte Nova—Minas.

———

A quem me entende.

Triste daquella que, sendo correspondida em seu amor ou julgando-se verdadeiramente amada se vê, de uma vez para sempre, separada daquelle ente, que constituia o seu unico idolo.

Idealista.

Rio, 1-5-915.

———

O amor é um vulcão que, embora não o possamos vêr, arde em nossos corações nos abrazando com suas ardentes lavas.

Angelica.

———

A' C...

Só quem ama pode comprehender e decifrar esta doce e mysteriosa palavra — Amor.

Angelica.

———

Ao «Jornal das Moças».

A separação é a maior dôr que pode haver entre dois corações que se amam.

Zenith Silva.

3-5-915.

———

A' gentil Columbina.

(Resposta)

Ao coração que ama alguem só por «habito», é tão facil impor-lhe de «subito» que não ame, como que ame intensamente.

Pierrot.

Bello Horizonte, 4-5-1915.

A' Huga Silva.

Viver sem amar é trazer a alma envolta nas trevas da tristeza; é preferivel amar e ser trahido pelo ente a quem dedicamos amor...

Rubi.

———

A saudade é a ultima flôr que se desfaz sobre o tumulo das alegrias passadas.

———

A ingratidão é a dôr mais cruel que pode sentir um coração que ama com sinceridade.

Dolores D.

A' Nicota Simões.

Como o colibri que borboleteia entre as flores do jardim, o amor discorre as rosas dos corações, vivificando umas e desfolhando outras.

A mulher para ser verdadeiramente amada é mister que faça com que o homem viva eternamente na illusão e para sempre na incerteza.

Tua J. A.

Campos, 11-5-915.

———

A' minha mana.

Linda menina de rosadas faces,
Alva pombinha, perfumada flôr,
Um teu sorriso vale mais que o ouro.
Rainha da belleza és tu, primor;
Immaculada é tua alma de arminho,
Toda feita de amor e de ternura,
Asylo de bondade e de carinho.

Clumonte.

Botafogo.

MISTÉRE D'AMOUR

SCHOTTISCH

Á intelligente actriz Annita Campille

B. dos Alpes

D.C.S.
1a
2a
D.C al fim
Nictheroy 11-5-915

Adelino Magalhães,
illustre litterato e adoravel *causeur*

ERCILIA

Seja o teu lindo nome um lábaro sagrado,
Garboso, a tremular na torre manuelina
Do elegante solar por mim idealisado
No cimo de uma ignota e azullada collina.

Seja o pallio feliz deste amor delicado
Que meu peito avassala e minh'alma domina,
A's brizas da Ventura eterna desfraldado,
De inveja esmorecendo a estrella vespertina.

Seja o teu lindo nome assetinado manto
Que do Inverno da Vida os hombros me resguarde,
Embora que me envolva um perfido quebranto.

E quando a dor da morte a mente me desvaire,
Seja o teu nome o sol que aclare a minha tarde,
E a palavra final que nos meus labios paire.

Belem — 1914 — Pará.

ARAUJO DOS SANTOS.

Pequenos factos da guerra

UM membro da Sociedade Franceza de Chaux de Fonds (Suissa) recebeu de um soldado em tratamento no hospital de Bensançon uma carta, da qual o *National Suisse* destaca este episodio:

« No mesmo combate em que fui ferido, um dos meus camaradas recebeu, para começar, uma bala na perna.

— Mais acima! exclama elle alegremente.

Após um rapido curativo, volta a fazer fogo, e logo outra bala o attinge na mão, ligeiramente.

— Mais abaixo! caçôa ainda.

Mas, pouco depois, uma terceira bala atravessa-lhe o hombro.

Obrigado então a abandonar a luta e todo ensanguentado, levanta-se e, de frente para o inimigo, grita com toda a força:

Canalhas! Não atirem sempre no mesmo.

CICERO NEIVA — Muito bons os seus versos, serão publicados.

AMELIA NAPOLI — V. Ex. é muito impaciente. Os seus trabalhos agradam e serão publicados.

DIANNA — O seu trabalho precisa de alguns retoques.

YREM ARLETTA — Não entendemos bem o seu *embroglio*: parece traducção mal cuidada.

LIA D'ALVA — Publicaremos o seu soneto *Entre Sonhos*, mas recommendamos a V. Ex. que apure mais o seu estylo.

NORIVAL POSSIDONIO — Bons os versos, serão publicados em diversos numeros e não por atacado, como o camarada fez remessa. A cartinha sahiu, comprehendeu o nosso intuito, muito criterioso e sobretudo discreto?

ANTONIO DANTAS BARBOSA — Nós somos muito gratos as suas gentilezas. Pedimos ao bom amigo que nos mande trabalhos menos longos.

MARIETTA — Vencerá a sua rival. O camarada está fazendo fita...

LILI — Não vá atraz de cantigas, fique firme e a victoria será certa.

OLIVIA M. — Não casa com quem pensa, está em doce illusão.

SINHÁ — A côr do vestido (saia) de preferencia.

Dorinho, 12 — 14 — 9 — 16..., Cato, Baby, Horta, D'Anilo, Egs, Sphinge, João Belmonte, Raul Chaces, L. F., A. V., Victorio dos Santos, Alvaro, Margarida, Doly, Arlindo Monteiro Chrysmantem e D'Or (Innocencia) e Manoel Martins — Os seus trabalhos não estão em condições.

O bem praticado na vespera faz a felicidade do dia seguinte.

MODAS E MODOS

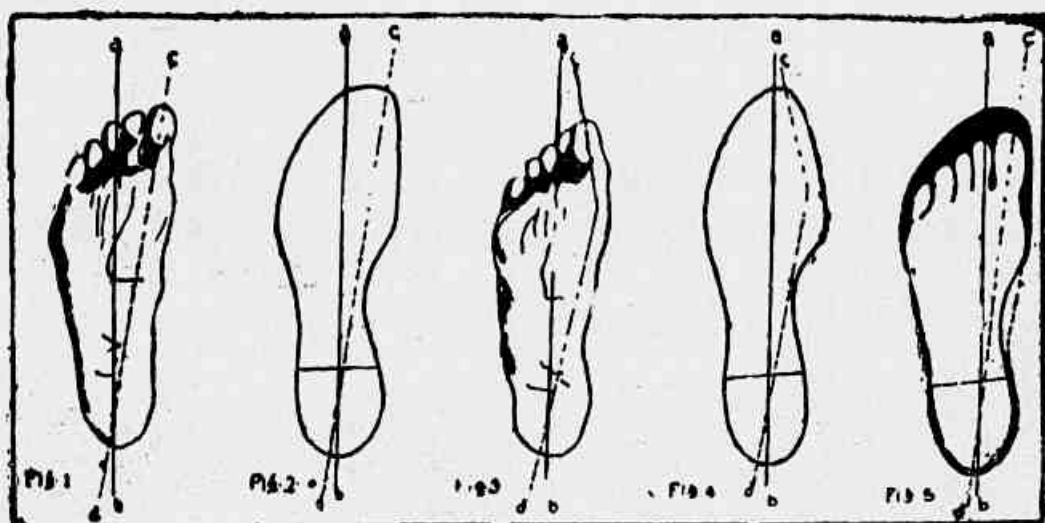
Os sapatos modernos

POUCAS pessoas sabem que uma fórma defeituosa dos sapatos, não só produz deformações nos pés, e molestias, como tambem accarretam graves transtornos na saude, principalmente no systema nervoso. Muitos caracteres irritaveis, tem-se formado assim em consequencia do continuo aperto de sapatos mal feitos.

Esta verdade foi, ha já algum tempo reconhecida e affirmada pelos mais eminentes estrategistas, pois, naturalmente é nos exercitos que melhor se pode observar os prejuizos e males causados pelo máo calçado.

Napoleão, ha cem annos, dizia, que não fazia a guerra com as armas, mas sim com os pés dos seus soldados e Wellington, o famoso general inglez, affirmava, como um axioma de estrategia militar, que todo bom soldado necessitava de duas cousas: um bom par de botinas nos pés e outro igual na muchila.

A gravura, que se segue, demonstra graphicamente a fórma correcta e incorrecta dos sapatos modernos.

A fig. 1 representa a fórma normal do pé; a fig. 2

a fórma scientificamente correcta da sola de um sapato ou botina; a fig. 3, mostra como são a maioria dos pés modernos e nos quaes se notam deformações do dedo grande; a fig. 4 dá idéa de um sapato incorrecto, fabricado em delineamentos cimetricos (a b) tendo-se mais em vista a elegancia, do que a commodidade e conforto; finalmente a fig. 5 mostra a possição normal do pé em um sapato correcto.

Eis ahi uma pequena causa que produz grandes effeitos. Certamente muito pouca gente presta attenção a este assumpto, porque na maioria, principalmente do bello sexo, predomina o interesse e empenho de apparecer com elegancia, impressionando os olhos indiscretos dos observadores, ainda que com prejuizo do organismo.

Mas é tão bonito, tão *chic* um pé pequeno, meia rendada, em um sapato *mignon*, minusculo, que se poderia levar no bolso do collete...

Desenhado especialmente para o *Jornal das Moças*

A MODA INFANTIL

Costume elegante para passeio

Toiletts para passeio — Creação do "Jornal das Moças"

Vestidos para meninas

Torneios Charadisticos

CONDIÇÕES:

Iniciamos esta secção satisfazendo pedidos de muitas de nossas leitoras. Distribuiremos tres premios. Sendo dois aos decifradores que obtiverem maior numero de pontos e a autora do melhor trabalho.

As charadistas que desejarem concorrer aos torneios deverão dirigir-se por escripto ao encarregado desta secção, enviando os verdadeiros nomes, pseudonymos e residencias.

Só serão aceitas as cartas, quer para a inscripção, quer com trabalhos ou decifrações, que venham acompanhadas do respectivo coupon, abaixo inserto.

Os trabalhos enviados para publicação, devem vir acompanhados das soluções e da declaração do diccionario onde estas se encontram, ou os conceitos parciaes.

Os logogriphos devem conter, pelo menos, quatro soluções parciaes e as letras do conceito final não excederão de vinte.

As soluções devem ser enviadas: pelas decifranoras desta Capital, dentro de vinte dias; pelas decifradoras dos Estados do Rio, Minas e S. Paulo, dentro de vinte e cinco dias; e dos outros Estados, dentro de trinta dias, prevalecendo sempre a data do carimbo do correio.

As listas deverão trazer o total das soluções encontradas; as sras. remettentes dsverão incluir nellas as soluções dos trabalhos de que forem autoras e não poderão enviar mais de duas decifrações para o mesmo problema, sob pena de perda do ponto.

Os diccionarios serão os mesmos que são admittidos pelo Almanach Luzo Brazileiro, assim como serão aceitas todas as especies de problemas que são publicados nesse Almanach.

Esse torneio constará dos problemas publicados nos mezes de maio e junho.

PROBLEMAS NS. 21 a 32

CHARADAS NOVISSIMAS

1 — 1 — 2 — Entregue a vogal e bella mulher.
2 — 2 — Gosto da flor que é delicada.
CHRYSANTHÉME D'OR.

2 — 2 — Na cidade, senhora, encontra-se peixe.
1 — 2 — Prima, a deusa deu-me um peixe.
AS TRES GRAÇAS.

2 — 2 — No altar, mulher, estava a planta.
AILEZ.

2 — 2 — Alto!... A esphera vê-se na comparação biblica.
1 — 2 — O homem, por sua vez, vê o planeta.
1 — 1 — Distingues?... Na perfidia verás a estrella que succede ao crepusculo.
ANTONIETTA MANDARINO.

2 — 1 — A mulher tem traição no peito.
MERCÊS.

2 — 2 — Enganei-o!... A mulher é sempre falsa!
2 — 2 — Se são dez, dizei depressa os mandamentos da lei Deus.
1 — 1 — No meio da alta sociedade a honra cambaleia.
VERDA STELO.

PROBLEMA N. 33

LOGOGRIPHO HAPIDO

Extenuada de uma longa viagem — 1 — 11 — 3 — 4 — 13 — 7 — 13 — gentil senhora caminhava a custo e approximando-se de uma casa — 6 — 5 — 3 — bateu e pediu abrigo. A dona da casa a recebeu com carinho, apresentando-lhe a filhinha — 3 — 2 — 14 — 8 — e a creança deu a recem-chegada estas fructas — 10 — 8 — 12 — 13 — 9 — que ella saboreou e, em signal de reconhecimento, offereceu-lhe esta Interessante revista.
PASQUINHA.

PROBLEMAS NS. 34 e 35

CHARADAS MEPHISTOPHELICAS

3 — Para as violetas só fica bem o vergel.
CECILIA NETTO TEIXEIRA.

3 — No exterior dá-se busca na grúta.
GAROTA NONICIA.

CO RESPONDENCIA:

As Tres Graças — Que graça! No nosso olympo todas as divindades são bem recebidas...

Ailez — Inscripta. São bons os vossos trabalhos.

Pasquinha — Agradecemos penhoradissimos. Inscripta.

Antonietta Mandarino — Quem se apresenta com tanta distincção, é acolhida com toda gentileza.

Mercês — Inscripta. E' favor enviar-nos mais trabalhos.

Verda Stelo — Que pseudonymo encantador! Inscripta.

Cecilia Netto Teixeira — Inscripta. Agrada-nos muito a vossa preciosa collaboração. Recebemos as soluções.

Garota Nonicia — Não parece garota quem se apresenta tão calmamente!

Roitelet — Recebemos as decifrações, porém é preciso inscrever-vos.

Chopin e *John Bull* — Sentimos immenso não poder acceitar a collaboração de tão cellebres collegas. Esta secção é sómente para o bello sexo. Talvez iniciaremos futuramente uma secção para o sexo feio.

ORAMA.

COUPON

Torneio charadistico
para moças. 1—6—915.

A Cegonha

A cegonha é uma ave commum a muitos paizes da Europa, para os quaes emigra annualmente, dos seus quarteis de inverno em Africa. E' util, mansa e paciente, e raras vezes emprega o grande bico contra as suas companheiras.

A cegonha é muito estimada na Hollanda, onde lhe conhecem a utilidade em comer rãs, lagartos e sapos, que alli abundam nos charcos, e a população tem por ella tanto interesse e trata-a tão bem, que ella se torna absolutamente domestica e familar, construindo seu ninho nas chaminés e telhados das casas. Os hollandezes dizem: « A cegonha não faz ninho em casa de máo homem », por conseguinte, é uma protecção para uma casa, ser procurada pelas cegonhas, para fazerem o ninho, e assim ninguem persegue nem maltrata nenhuma dessas aves favoritas.

Na Hespanha e em Portugal, principalmente na provincia do Alemtejo, é tembem muito estimada a cegonha.

Gosta a cegonha de construir o ninho em logares altos, como o telhado dos grandes edificios, a abertura superior das elevadas chaminés, os coruchеos e agulhas das igrejas, e nas cidades arruinadas do oriente, sobre o topo de quasi todas as columnas e pilares se encontra um ninho de cegonhas. Diz-se que quando os paes são velhos e estão desprovidos de pennas, e incapazes de voar e de procurar alimento os filhos lh'o trazem, e se aconchegam junto delles, para lhes dar calor e para os proteger. Antes de chegarem os frios do inverno as cegonhas debandam em immensos bandos para a Africa.

NOSSA AMIGUINHA

A galante Julinha Tramontana filha do sr. Paulino Tramontano, residente nesta capital

O ORPHÃO

Ao menino Galileu Pellegrini de Magalhães.

Quando eu era bem creança,
Minha mãi, oh! doce luz,
Choravas como uma louca
Junto a imagem de Jesus.

Eu quasi que á morte estava,
Pobre mãi; sempre chorava!

Oh! quantas e quantas noites
No bercinho a me embalar,
Chorando, outr'ora cantavas
Vendo-me alli dormitar!

Já meia noite batia
Pobre mãi! nunca dormia.

Agora pobre orphanado
Ando no mundo a vagar,
Implorando a caridade
Ao meu afflicto penar.

Soffro muito, mãi querida,
Salva-me tu desta vida.

Um pobre orphão mesquinho
Sou por todos despresado
Sem pão, sem tecto, sem ninho;
Ah! sou muito desgraçado!...

JOSÉ CARPINETTI.

CONSELHOS

Põe na virtude,
Filha querida,
De tua vida
Todo o primor.

Não dês á sorte,
Que tanto illude,
Sem a virtude
Algum valor.

Tudo perece,
Murcha a belleza,
Foge a riqueza,
Esfria amor.

Mas a virtude
Zomba da sorte,
E até da morte
Disfarça o horror.

Brilha a virtude
Na vida pura,
Qual na espessura
Do lyrio a côr.

Cultiva attenta,
Filha mimosa,
Sempre viçosa
Tão linda flôr.

VISCONDE DA PEDRA BRANCA.

O CÉO

(Collaboração)

ESSA grande quantidade de ar atmospherico que se evola da terra para as regiões ethereas, transformando-se em um manto, azulado, é o que chamamos — céo — E' na primavera que elle se mostra mais sereno, de um azul que nos impressiona, sem ter uma só nuvem que tolde a sua côr assetinada...

Ha occasiões, em que elle se transforma em uma côr plumbea, formando densas nuvens que se chocam, occasionando assim, a trovoada; faiscas de fogo apparecem repentinamente, ouvindo-se segundos após, o trovão.

Oh! como o céo se torna horrivel quando o vemos assim! Cessada a tormenta, sentimos prazer em contemplal-o tal qual e, apenas em certo ponto cortado por uma facha collorida que chamamos — arcos-iris.— A' noite, após as lutas diarias quando contemplamos esse horizonte sem limites, a nossa alma afflicta vôa por esse espaço infinito, em busca de lenitivos para suavizar ás nossas maguas. Quanto é lindo o céo da primavera!?...

Surge a aurora, e os passarinhos cortando os ares, saúdam com seus cantos harmoniosos o rei — astro que surge no oriente... Quando a pallida lua, esparge seus raios sobre a terra, o céo se nos apresenta de um azul carregado, salpicado de myriades de estrellas que parecem perolas preciosas.

No meio de uma floresta, é que podemos melhor contemplar o firmamento, nas noites de luar; a lua magestosa e imponente espalha seus raios bemfasejos, gu ando o viandante na densa treva da noite. Ora é num lago crystallino que ella se vae mirar, dando assim ás aguas uma côr prateada; ora é no cimo de um monte que ella se faz reflectir, apresentando assim, um panorama soberbo!...

Como é bella a contemplação de um céo estrellado á beira-mar! Sentimos uma sensação estranha como se a nossa alma se desprendesse do corpo para contemplar bem de perto esse manto estrellado... a alva lua triste, merencorea, que envia em seus raios, saudosos beijos, as aguas irrequietas do mar. Ao nascer do sol, o céo nos parece risonho, de uma côr opalina e fitando-o, muitas vezes esquecemos, por momentos, os soffrimentos que nos opprimem a alma.

O nauta em alto mar, cansado dos labores do dia, scisma, na contemplação da abobada celeste, alcatifada de estrellas, onde se concentram as suas unicas esperanças!

Como são bellas as manhãs de Maio! O céo nos apresenta uma côr rosea, parecendo derramar sobre a terra turbilhões de flores perfumosas, que nos extasiam a alma...

JUDAYBA.

A galante Albertina
filhinha do sr. Julio de Oliveira, conceituado negociante da nossa praça

CACHORRO PRODIGIO

Isto não é um conto. Recentemente pelas ruas de Napoles andava um cachorro que dava pelo nome de *Rolf* e que tem uma historia extraordinaria e que vamos contar aos nossos amiguinhos, leitores desta secção.

A vida de *Rolf* é verdadeiramente curiosa. Bem pequeno começou a andar com um mendigo que pedia esmolas pelas ruas.

Seu olhar intelligente, seu ar humilde, a graça que mostrava nos seus movimentos e em todos seus gestos, faziam com que as moedas cahissem em abundancia nas mãos do pobre velho, seu senhor.

Um dia, entretanto, um guarda municipal, detem o pobre mendigo, do qual exigiu algumas moedas em pagamento da multa, em que incorrera por ter infligido as posturas municipaes.

O mendigo ficou triste e abatido, como era natural. Mas o seu cachorro fiel, dedicado e intelligente, devolveu-lhe pouco depois aquellas moedas estorquidas pelo guarda.

Deixando o seu dono, melancolico, parado á esquina, pensando ainda no prejuizo, *Rolf*, rapidamente, acompanhou o guarda durante muito tempo, até chegar a um logar de pouco transito e onde a sombra da tarde parecia-lhe favoravel, avançou, latindo, nas calças do guarda, que teve por isso um grande susto e deixou cahir as moedas que ainda levava nas mãos e ficou aturdido diante de tão insolita e inesperada aggressão, emquanto *Rolf* apanhava com a bocca todo o dinheiro e levava-o, ainda mais apressado, ao seu dono.

Este facto, extraordinario, divulgado, foi o começo da fama de que em Napoles goza *Rolf*, fama que se tem augmentado por novas proezas e que hoje fizeram do *illustre* cão, uma das *personagens* mais populares da grande cidade italiana.

Sabedor destas façanhas do cachorro prodigio, um mestre de escola, fez questão de levar *Rolf* para sua casa e durante algum tempo ensinou-lhe arithmetica.

Isto dito assim parece uma historia para crianças; mas dizem, até, o animal somma pefeitamente e o seu professor já tem mostrado, publicamente, as suas habilidades em diversas cidades, recebendo ovações e enthusiasticos applausos.

Ora, amaveis leitores, o cachorrinho do cégo, por ser intelligente e dedicado chegou a aprender a contar e fazer successo em publico, imaginem agora o que não estará reservado aos meninos intelligentes, estudiosos, applicados e de bondoso coração?... A gloria, as honras, o conforto, o bem estar, a admiração de todos!

* * *

1.º CONCURSO INFANTIL

Os amaveis leitores desta secção terão de juntar os pedaços da gravura e formar a figura de um garotinho, amigo do *Jornal das Moças*.

Charada

Sou mui util vegetal
E sirvo p'ra embebedar — 2
Tenho na terra o meu leito — 2
Tenho alegre o meu cantar.

Já os leitores sabem que se trata de um passarinho e cantador...

R a b c c
u u u a

Com estas letras formar a palavra da moda.

Premios, por sorteio, entre os solucionistas que acertarem:

1.º, 10$000; 2.º, uma assignatura annual do *Jornal das Moças*; 3.º, collecção do *Jornal das Moças* de 1913, encadernada.

Recebemos soluções em carta fechada até o dia 20 do corrente mez acompanhadas do seguinte coupon:

1.º Concurso Infantil

Nome ....

Idade ....

Residencia ....

DE TUDO UM POUCO

Testamento original

Uma mulher que morreu recentemente nomeou testamenteiro seu filho, um mancebo de dezesete annos, seu herdeiro universal.

Uma das clausulas do testamento impunha-lhe que não se casasse com mulher rica porque lhe atiraria o dinheiro á cara, nem com mulher pobre porque a fortuna que lhe deixava não lhe permittia viver desafogadamente, nem com mulher instruida porque se creria superior a elle e lhe envenenaria a existencia, nem ignorante porque não o comprehenderia, nem bonita porque os seus admiradores não o deixariam dormir descançado, nem feia porque o metteria a ridiculo, nem alta por que, sendo elle baixo, o effeito seria desastroso, nem baixa porque provocaria o riso.

Mas se achasse uma mulher que não fosse rica, nem pobre, nem instruida, nem ignorante, nem bonita nem feia, nem alta nem baixa, então... tambem não deveria casar.

Manchas de agua nos livros

Tiram-se as manchas de agua nas paginas dos livros molhando-as abundantemente com uma solução fraca de alumen seccando-as em seguida entre folhas de papel branco.

Os surdos-mudo e o espelho

E' sabido que a causa principal dos surdos-mudos carecerem do dom da palavra nada é mais que a impossibilidade em que estão de ouvir sua propria voz e a de outras pessoas. Mas não resta duvida que a maioria delles teem seu apparelho vocal em perfeitas condições de uso,

Para supprir esta falta de audição emprega-se, agora, um methodo que offerece extraordinario resultado.

Collocam-se os surdos-mudos diante de um espelho onde elles observam attentamente, os diversos movimentos dos labios do professor, que procuram encitar, repetindo os movimentos e graças a este processo, conseguem no fim de algum tempo emittir sons que correspondem aos movimentos reflectidos no espelho.

Usos japonezes

Nenhum japonez dorme com a cabeça voltada para o Norte. Este costume funda-se no facto de que naquelle paiz sempre se enterram os mortos naquella direcção.

Nos quartos de dormir de muitas casas particulares e nos hoteis das grandes cidades, ha no tecto um desenho mostrando os quatros pontos cardeaes (N. S. E. O.) para os hospedes observarem a praxe seguida pondo o travesseiro do lado do Norte.

Desinfecção do ar

Um mecanico americano é o autor de um melhoramento que diz muito de perto com a vida das grandes officinas. Esse mecanico inventou um apparelho que se poderia chamar o «pulmão collectivo». E' um aspirador violentissimo, que recolhe, em milhões de metros cubicos por minuto o ar respiravel dos recintos abrigados, bem como todo o pó, bacterias, etc., suspensas na atmosphera. Na passagem pelo referido apparelho o ar purifica-se, por um processo especial de desinfecção, libertando-se do pó e de todas as impurezas que o acompanham.

E' pratico, como todo o invento norte-americano, esse apparelho, ao em vez de ser uma machina complicadissima e cara, é de uma simplicidade admiravel e de um preço accessivel.

RECEITAS

Elixir odontalgico—Cravo da India 2 grammas, alcool 100 grammas, pyretro 4 grammas, essencia de rosmaninho 10 grammas, essencia de bergamota 4 grammas, guayaco 15 grammas, nós muscada 4 grammas.

Lançam-se no alcool, depois de pisados, o guayaco, o pyretro, a nós muscada e o cravo da India. Conservam-se assim por espaço de oito dias, passados os quaes se filtram; e juntam-se depois as essencias.

Este elixir é muito conveniente porque fortalece as gengivas. Usa-se misturando uma colherinha de elixir com um calice d'agua.

Bifes de grélha — Cortam-se fatias de boa carne (assém ou lombo) mais grossas que para os bifes na fregideira, batem-se fortemente com o maço e põem-se numa grélha em meias canas sobre fogo forte. Quando a carne está bem quente e começa a tostar-se, tira-se da grélha machuca-se num prato contendo manteiga e dentes d'alho, leva-se de novo á grélha em posição invertida, para ser aquecida de novo, torna a machucar-se na manteiga e assim successivamente, até que a carne esteja bem passada pelo calor, servindo-se assim.

Estes bifes, tambem, é costume servirem-se com batatas fritas.

Fatias ao Moscatel— Corta-se um pão em fatias não muito finas, deitam-se em uma vasilha de louça com vinho Moscatel. Depois de bem embebidas deixam-se escorrer e collocam-se em uma toalha. Batem-se 3 gemmas d'ovos com 1 colher grande de assucar; passam se as fatias nesta calda e depois botam-se em uma cassarola contendo calda de assucar. Ponham-se depois em latas untadas de manteiga e no forno temperado.

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 2 A 14